

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

LUANA PIHURSKI FLORENTINO

LITERATURA E JORNALISMO: UM ESTUDO DOCUMENTAL DA GAZETA DE  
NOTÍCIAS (RJ) ENTRE OS ANOS 1890 E 1900

PONTA GROSSA

2023

LUANA PIHURSKI FLORENTINO

LITERATURA E JORNALISMO: UM ESTUDO DOCUMENTAL DA GAZETA DE  
NOTÍCIAS (RJ) ENTRE OS ANOS 1890 E 1900

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre em Estudos da  
Linguagem, pela Universidade Estadual de Ponta  
Grossa. Linha de pesquisa: Pluralidade, Identidade  
e Ensino

Orientador: Fabio Augusto Steyer

PONTA GROSSA

2023

F633 Florentino, Luana Pihurski  
Literatura e Jornalismo: um estudo documental da Gazeta de Notícias (RJ)  
entre os anos 1890 e 1900 / Luana Pihurski Florentino. Ponta Grossa, 2023.  
98 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:  
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta  
Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Augusto Steyer.

1. Periódico. 2. Imprensa. 3. Literatura. I. Steyer, Fabio Augusto. II.  
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade.  
III.T.

CDD: 808

LUANA PIHURSKI FLORENTINO

LITERATURA E JORNALISMO: UM ESTUDO DOCUMENTAL DA  
GAZETA DE NOTÍCIAS(RJ) ENTRE OS ANOS 1890 E 1900

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da  
Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração  
em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 30 de agosto de 2023.



Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Dr. Diego Gomes do Valle – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.<sup>a</sup> Dra Maura Oliveira Martins – Centro Universitário de Tecnologia  
de Curitiba/PR



## DEDICATÓRIA

O percurso que culminou na conclusão deste mestrado é para mim, acima de tudo, um processo de autodescoberta. A pesquisa é solitária por natureza, e ao longo dela, a maioria dos pós-graduandos se depara com crises de ansiedade, apreensão e medo. É por isso que desejo dedicar, em primeiro lugar e acima de tudo, a mim mesma, por ter mantido a fidelidade ao meu propósito, apesar do sentimento de remar contra a maré. Estou certa de que se pudesse encontrar a jovem que ingressou no curso de Letras em 2014 e, pudesse mostrar a ela o quanto evolui ao longo desses anos, graças ao contato, ensino e discussões proporcionadas pela Universidade Pública, o sentimento seria de orgulho.

À minha mãe, que foi mãe solteira, já que nos anos 90 não existia mãe solo. Foi forte e corajosa, assim como o versículo bíblico manda e me ensinou no melhor caminho. Que fez o melhor que pode nas condições que teve.

À minha avó Osni e avô Darci que me concederam o que viria a ser meu primeiro lar.

Aos meus tios Arão, Matheus e Lucas. O primeiro, por ter sido parte da minha infância, ao me levar e buscar na escola na garupa de sua bicicleta, equilibrando o que, naquela época, podia representar um grande peso para ele. O segundo, durante minha vida universitária, por sempre me ajudar a complementar meu orçamento, e, apesar de longe, acompanhar de perto meus desafios acadêmicos. E o último, por compartilhar conselhos valiosos e horas de conversa sobre a vida, já na minha fase adulta e profissional.

Às minhas tias Dani, Mari e Nani, cujo carinho e cuidado foram constantes. Compartilharam comigo a essência da experiência feminina e o significado profundo que isso acarreta.

Ao meu companheiro Ka, que esteve comigo naquela que foi minha primeira tentativa e consequente negativa de seleção nesse programa de pós-graduação. E que depois, comemorou e celebrou comigo a minha vaga no processo que originou esse trabalho que hoje aqui se apresenta.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fabio Augusto Steyer com quem tenho uma relação de longa e data e que emprestou de seu tempo em função desse trabalho.

Aos membros da minha banca avaliadora, Prof. Dr. Diego Gomes do Valle e Prof.<sup>a</sup> Dra Maura Oliveira Martins que contribuíram imensamente com meu referencial teórico e ofereceram muito para que esse trabalho ganhasse sua forma final.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem que em suas disciplinas me ajudaram a melhorar meu processo de escrita e a desenvolver minha reflexão crítica.

À minha psicóloga Fran que me ouviu falar sobre o projeto, sobre a escrita, sobre meus problemas enfrentados e me ofereceu soluções possíveis. Além de acompanhar meu desempenho durante os encontros que tivemos.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa que, além de me oportunizar a graduação, também foi responsável por esse processo de formação.

*isso de querer ser  
exatamente aquilo  
que a gente é  
ainda vai  
nos levar além*

*Paulo Leminski*

## RESUMO

Este trabalho busca evidenciar como a relação entre Literatura e Jornalismo aconteceu nos anos compreendidos entre 1890 e 1900. Para tanto, foram analisados microfilmes do periódico Gazeta de Notícias, disponibilizados pela Biblioteca Nacional Digital. A análise buscou as edições diárias do periódico para catalogar todas e quaisquer menções e escritas em formatos de gêneros literários, não importando se grande ou pequeno número de linhas, que tenham resultado em grande repercussão ou não. Uma vez coletados os dados, buscamos entender como a literatura circulou em meio ao jornalismo, que espaço ela possuía nesse periódico, quem eram os escritores literários que tinham esse espaço, por quanto tempo esse espaço permaneceu, quais foram as variações ao longo dos anos, quais gêneros mais se destacaram, quais páginas ocuparam em sua maioria e assim por diante. Por fim, pretende-se propor uma reflexão de estudos que fujam de percepções anacrônicas da literatura por alocar obras e textos em seus contextos de publicação e circulação. E, além disso, buscar entender qual a possível consonância entre os movimentos literários do período estudado e as publicações da Gazeta de Notícias.

**Palavras-chave:** periódico, imprensa, literatura

## **ABSTRACT**

This paper seeks to show how the relationship between Literature and Journalism happened in the years between 1890 and 1900. To do so, microfilms of the periodical *Gazeta de Notícias* made available by the Biblioteca Nacional Digital were analyzed. The analysis sought the daily editions of the periodical with the objective of cataloging any and all mentions and writings in literary genre formats. It does not matter if large or small number of lines, that resulted in great repercussion or not. Once the data is collected, we seek to understand how literature circulated in the midst of journalism, what space it had in this periodical, who were the literary writers who had this space, for how long this space remained, what were the variations over the years, which genres stood out the most, which pages they mostly occupied, and so on. Finally, it is intended to propose a reflection of studies that escape anachronistic perceptions of literature by allocating works and texts in their contexts of publication and circulation. And, furthermore, to seek to understand the potential harmony between the literary movements of the studied period and the publications of the *Gazeta de Notícias*.

**Keywords:** periodical, press, literature

## RÉSUMÉ

Ce travail vise à mettre en évidence la manière dont la relation entre la littérature et le journalisme s'est déroulée dans les années comprises entre 1890 et 1900. À cette fin, des microfilms du périodique *Gazeta de Notícias*, mis à disposition par la Biblioteca Nacional Digital, ont été analysés. L'analyse a porté sur les éditions quotidiennes du périodique afin de répertorier toutes les mentions et écrits sous forme de genres littéraires, qu'ils soient longs ou courts en nombre de lignes, qu'ils aient eu un grand retentissement ou non. Une fois les données collectées, nous avons cherché à comprendre comment la littérature circulait au sein du journalisme, quel espace elle occupait dans ce périodique, qui étaient les écrivains littéraires ayant cet espace, pendant combien de temps cet espace perdurait, quelles étaient les variations au fil des ans, quels genres se démarquaient le plus, quelles pages ils occupaient en majorité, et ainsi de suite. Enfin, l'objectif est de proposer une réflexion sur des études évitant les perceptions anachroniques de la littérature en plaçant les œuvres et les textes dans leurs contextes de publication et de circulation. De plus, nous cherchons à comprendre quelle possible concordance existe entre les mouvements littéraires de la période étudiée et les publications de la *Gazeta de Notícias*.

**Mots-clés:** périodique, presse, littérature

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 BOLETIM DO CONGRESSO - 24/02/1891 .....	20
FIGURA 2 CANUDOS E RETRATO DE ANTONIO CONSELHEIRO - 07/10/1897 .....	23
FIGURA 3 AS TRÊS IDADES DO BRASIL DE 1877 .....	32
FIGURA 4 COMPILADO DAS CARTAS LITERÁRIAS .....	39
FIGURA 5 PUBLICAÇÃO DE O ATENEU - 15/04/1888 .....	46
FIGURA 6 PRIMEIRA EDIÇÃO GAZETA DE NOTÍCIAS - 02 DE AGOSTO DE 1875.....	48
FIGURA 7 REUNIÃO DAS CRÔNICAS COUSAS POLÍTICAS.....	51
FIGURA 8 EDIÇÃO DE 10 DE JANEIRO DE 1894 - ILUSTRAÇÃO DE TIRADENTES.....	52
FIGURA 9 COMPILADO DAS ILUSTRAÇÕES DAS CARICATURAS INSTANTÂNEAS.....	54
FIGURA 10 PUBLICAÇÃO 13 DE MAIO DE 1888 - ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	56
FIGURA 11 13 DE MAIO DE 1891 - EDIÇÃO ESPECIAL .....	58
FIGURA 12 EDIÇÃO DE 16 DE ABRIL DE 1890 - EXCERTO DE O CORTIÇO .....	63
FIGURA 13 PAULA MATTOS OU O MONTE DE SOCORRO - 29 DE JUNHO DE 1891.....	73
FIGURA 14 DEMÔNIOS - FOLHETIM ALUÍSIO DE AZEVEDO .....	74
FIGURA 15 CADÁVERES INSEPULTOS - FOLHETIM ALUÍSIO DE AZEVEDO .....	74
FIGURA 16 EDIÇÃO 04 DE MAIO DE 1891- RAPSHODIAS .....	76
FIGURA 17 08 DE JANEIRO DE 1892 - BOLETIM SUPPLEMENTO LITERÁRIO .....	77
FIGURA 18 18 DE JANEIRO DE 1892 – 1º EDIÇÃO DO SUPPLEMENTO LITTERÁRIO.....	78
FIGURA 19 DOMÍCIO DA GAMA - 25 DE JULHO DE 1892 .....	83
FIGURA 20 EDIÇÃO DE 04/04/1895 - VIÚVA SIMÕES .....	86

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 ORGANIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS .....	14
QUADRO 2 TRABALHOS RELACIONADOS AO O CORTIÇO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO.....	70
QUADRO 3 FOLHETINS VINCULADOS.....	89



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BND	BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL
GN	GAZETA DE NOTÍCIAS
SL	SUPLEMENTO LITERÁRIO

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 O BRASIL NO PERÍODO: UM CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO.....</b>	<b>19</b>
<b>3 A FORMAÇÃO DA IMPRENSA E DA GAZETA DE NOTÍCIAS.....</b>	<b>40</b>
3.1 A FORMAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA .....	40
3.2 A FORMAÇÃO DA GAZETA DE NOTÍCIAS .....	44
<b>4 GAZETA DE NOTÍCIAS: UMA CASA PARA A LITERATURA.....</b>	<b>62</b>
4.1 ALUÍSIO DE AZEVEDO E UMA SÉRIE DE DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....	62
4.2 O SUPLEMENTO LITERÁRIO E AS CORRESPONDÊNCIAS ESTRANGEIRAS .....	77
4.3 UMA CADEIRA NÃO DADA.....	84
4.4 OS FOLHETINS .....	87
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A edição de quarta-feira, dia 04 de abril de 1894, do periódico *Gazeta de Notícias* apresenta uma seção intitulada *Claudio Manoel da Costa*, e nela se leem reveladoras informações sobre o passado do poeta mineiro. Ocupando destaque na primeira página da edição, a grande descoberta vem do cartório eclesiástico de Mariana, do registro autêntico do batismo do poeta, de onde, segundo o autor da seção, consegue-se um achado de grande valor com respeito às verdadeiras origens do escritor.

Após transcrever seus relevantes achados biográficos sobre o poeta, o autor apresenta então sua importante conclusão: Claudio Manoel da Costa não teria nascido na região de Mariana, assim como seus mais importantes registros biográficos consideravam, mas sim a uns doze quilômetros da cidade, para dentro da natureza alpestre. O que, segundo o autor, pode até mesmo justificar a alusão à natureza em alguns de seus poemas. Conforme lê-se:

...o registo do baptisado o confirma: nasceu no sitio da Vargem de Itacolomy, freguezia de Marianna sim, mas a uns 12 kilometros da cidade: bem longe portanto das margens de Ribeirão do Carmo, lá no meio de uma natureza alpestre, a que elle proprio alludiu n'aquelle bello soneto  
D'estes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: oh! quem cuidara Que entre penhas tão duras se creára Uma alma terna, um peito sem dureza! (*Gazeta de Notícias*, 04/04/1894 p. 01)

Para além da referência histórica fornecida sobre o poeta, não se pode deixar de concordar com o autor da seção, que a abre com a seguinte afirmação, que se acredita ser uma forma inaugural eficiente para os desdobramentos que esse trabalho pretende desenvolver: "dos papeis velhos que dormem nos arquivos há sempre alguma licao a receber" (p. 01).

Isso porque a presente pesquisa tem como ponto de partida a reflexão oferecida pelo trecho acima. O que os papeis velhos, aqui em específico as páginas da *Gazeta de Notícias*, podem oferecer? O que surgiu como uma reflexão inicial fez o trabalho ganhar como objetivo de pesquisa dois importantes nortes: qual o papel da *Gazeta de Notícias* na formação da literatura brasileira e como os movimentos literários em curso encontraram confluências no que era publicado por esse periódico?

Para trilhar o caminho que levou ao desenvolvimento dessa pesquisa o site da Biblioteca Nacional Digital foi indispensável. Foi dele que retiramos parte do corpus desse estudo e então oferecemos uma análise possível entre a literatura e o jornalismo brasileiro, ambos em formação no período estudado. No site são disponibilizados microfimes digitalizados de periódicos que circularam no Brasil em diversos momentos da nossa história. Ele oferece os campos Periódico, Período, Local e filtros específicos para cada uma dessas opções. Há também a preferência por se buscar uma palavra-chave em um determinado período, periódico ou local. Nossa pesquisa utilizou os campos Periódico, seguido da opção Gazeta de Notícias (RJ) e os anos 1890 a 1899<sup>1</sup>, e optou-se por não restringir a busca por apenas uma palavra-chave. Depois disso, foram analisadas as edições diárias desse periódico e levantadas as ocorrências relevantes para esse trabalho, que foram posteriormente compiladas em uma planilha que foi organizada da forma abaixo explicada:

Quadro 1 Organização das ocorrências

DATA	DIA	TÍTULO	AUTOR	TIPO	TÍTULO	AUTOR	TIPO
01/01/1890	quarta-feira	"O ano novo"	NÃO ASSINADA	CRÔNICA	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
02/01/1890	quinta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
03/01/1890	sexta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
04/01/1890	sábado				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
05/01/1890	domingo	"Chronica da semana"	NÃO ASSINADA	CRÔNICA	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
06/01/1890	segunda-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
07/01/1890	terça-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
08/01/1890	quarta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
09/01/1890	quinta-feira	Romance a vapor	NÃO ASSINADA	RESUMO	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
10/01/1890	sexta-feira	Manifesto do Visconde de Ouro preto	Visconde de Our	MANIFESTO			
11/01/1890	sábado				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
12/01/1890	domingo				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
13/01/1890	segunda-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
14/01/1890	terça-feira	A Ultima noite de tiradentes	LUIZ MURAT	FOLHETIM	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
15/01/1890	quarta-feira	A Ultima noite de tiradentes	LUIZ MURAT	FOLHETIM	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
16/01/1890	quinta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
17/01/1890	sexta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
18/01/1890	sábado						
19/01/1890	domingo	Chronica da semana	NÃO ASSINADA	CRÔNICA	Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
20/01/1890	segunda-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
21/01/1890	terça-feira						
22/01/1890	quarta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA
23/01/1890	quinta-feira						
24/01/1890	sexta-feira				Á Cata de um Barrete	Ilastoy	ROMANCE-REVISTA

Fonte: A autora

A planilha contou com as colunas data, dia da semana, título, assinatura e gênero como fixas, a fim de organizar de forma coerente as informações

<sup>1</sup> O site da BND disponibiliza os anos em décadas. Assim, primeiramente, selecionamos os dados de 1890 a 1899 e, depois, em uma segunda triagem, marcamos a opção 1900 a 1999, apesar de recortarmos para esse trabalho somente o primeiro ano dessa seleção.

encontradas. O mesmo tipo de organização se repetiu pelos anos que a pesquisa abrangeu, para catalogar os dados de forma padronizada.

Dessa forma, pode-se notar a recorrência e estabilidade de certos gêneros literários, a maior contribuição de alguns nomes, a queda no número de ocorrências diárias relevantes ao longo dos anos, além de algumas contribuições concernentes ao que hoje se tornaram grandes clássicos da literatura brasileira. A Tabela 1 exemplifica melhor a organização adotada com o exemplo retirado do primeiro ano da coleta de dados, com ênfase nos dois primeiros grupos de ocorrências.

A primeira coluna refere-se à data da publicação, indo do dia 01 de janeiro de cada ano até o dia 31 de dezembro. A segunda coluna refere-se ao dia da semana, começando com o dia correspondente ao primeiro dia do ano pesquisado, como, por exemplo, em 1890, quarta-feira. Após isso, ocorre a repetição padrão de Título, Autor, Tipo para se elencar as ocorrências relevantes.

No exemplo da tabela 1, a primeira ocorrência catalogada foi classificada como crônica e é intitulada “O ano novo”, sem assinatura. A segunda ocorrência do mesmo dia é o folhetim “*Á cata de um Barrete*”, assinado por Ilastoy e definido como romance-revista.

Procurou-se agrupar as ocorrências análogas em uma mesma coluna para facilitar a visualização como um grupo de achados, como acontece, por exemplo, no *Á cata de um Barrete*, que aparece como segundo título relevante no dia 01. Isso deixa algumas linhas da primeira coluna de título sem preenchimento nos dias seguintes.

Quanto à classificação adotada na coluna Tipo foram escolhidas as seguintes: Crônica, Poema, Conto, Folhetim, Crítica e Romance-Revista. Algumas classificações eram oferecidas pelo próprio periódico, como a primeira ocorrência de 1890, que se encontra com a classificação Romance-Revista, e como também acontece nas seções *Chronicas da Semana*, e *Excertos de Romance*. Para as seções que não eram classificadas na edição estabeleceu-se uma categorização após uma leitura dinâmica do conteúdo.

A opção por considerar as páginas da Gazeta de Notícias, adiante GN, como fonte de pesquisas se dá em consonância, em especial, com os trabalhos de Muller, que consideram os periódicos oitocentistas como rico material de estudo da história da literatura brasileira. A autora, em seu trabalho *Imprensa e Leitura de Romances*

*no Brasil Oitocentista*, destaca a forte conexão entre a literatura brasileira e o jornalismo, especialmente no século XIX. Faz isso ao ressaltar que essa relação perdurou ao longo do tempo, iniciando no ano de 1808, quando foi autorizada a criação de imprensa no Brasil. Desde então, os escritores e suas obras encontraram nos jornais e revistas um meio de ampla circulação e interação com o público leitor.

No mesmo trabalho, a autora menciona a abrangência dessa relação, pois era incomum encontrar periódicos oitocentistas que não dedicavam espaço para assuntos literários. Isso demonstra a relevância e o interesse do público e dos próprios veículos de comunicação na disseminação da literatura e na discussão sobre o tema. A autora destaca que as chamadas fontes primárias "correspondem a uma vastíssima gama de manifestações, que incluem desde cartas até objetos de uso pessoal, passando por jornais, documentos de identificação e registros fonográficos" (p. 38).

Muller (2011), para argumentar sobre o uso das fontes primárias, salienta que o uso delas permite evitar certos anacronismos:

A pesquisa em fontes primárias possibilita que se evitem tanto as interpretações anacrônicas de uma história literária que desconsidera as leituras do passado quanto o reducionismo das análises que tomam o texto literário como um objeto autossuficiente e imaterial. (Muller, 20011, p. 35)

Por interpretações anacrônicas, a autora argumenta que a História da Literatura, em seu viés mais tradicional, tende a considerar autores e obras que julga mais significativos em um período determinado de estudo a partir de critérios significativos para os historiadores daquele certo momento. Isso pode acarretar uma distância entre as obras que foram significativas à época de seu surgimento e as que a História da Literatura consagra posteriormente:

Ao não levar em conta as práticas de leitura do passado e o universo cultural mais amplo em que elas se inserem, a história literária corre o risco de transmitir uma imagem fictícia da literatura do passado. Apesar dos anacronismos, esse viés da história literária dominou o ensino de literatura no Brasil, tanto no ensino médio quanto nos cursos de Letras, até bem pouco tempo atrás. (Muller, 2011, p. 34)

Assim, Müller (2011) defende o uso das fontes primárias como uma alternativa à forma convencional de análise cronológica das obras canônicas, por procurar por meio delas a reconstrução do universo cultural no qual se insere a

literatura do passado. Já em outro trabalho seu, Müller (2019) destaca que é preciso se atentar ao fato de que as fontes primárias auxiliam a entender quais critérios são levados em consideração ao tornar um livro um grande clássico e salienta que essa escolha geralmente perpassa pelas decisões do presente do historiador:

As obras que a história literária consagra nem sempre são as que foram mais significativas na época de seu surgimento. Ao não levar em conta as práticas de leitura do passado e o universo cultural mais amplo em que elas se inserem, a história literária corre o risco de transmitir uma imagem fictícia da literatura do passado. Apesar dos anacronismos, esse viés da história literária dominou o ensino de literatura no Brasil, tanto no ensino médio quanto nos cursos de Letras, até bem pouco tempo atrás. (Muller, 2019, p. 34)

Na mesma direção, Zilberman *et al* (2004), logo em sua introdução, apresenta um breve histórico da formação dos estudos literários, e questiona o objeto de estudo da teoria da Literatura: a obra de arte literária. Ao ultrapassar delimitações e questionar fronteiras, a Teoria da Literatura acaba por ver “escapar-lhe das mãos” o seu objeto de estudo, que já não encontra lugar nas formulações iniciais dessa ciência.

Em contrapartida, a autora argumenta que, ao utilizar de fontes primárias, questões como essa podem ser mais facilmente resolvidas, assim como formulações no que diz respeito à Teoria e à História da Literatura. Sobre essa problemática, afirma ela:

Uma investigação que enfoque fontes primárias talvez ajude a encontrar respostas a essas questões. Fontes primárias constituem, em princípio, matéria da história, que constrói uma narrativa a partir dos documentos que certificam o passado. A Teoria da Literatura tende a abrir mão desse material, ao privilegiar o produto final, a obra publicada, em detrimento de suas origens e processo de criação. A História da Literatura acabou acompanhando essa escolha, alinhando no tempo o produto legitimado pela Teoria. Por não percorrer o caminho de volta, que levaria da obra publicada às suas origens e repercussão, a História da Literatura des-historiciza seu objeto; com isso, contradiz sua natureza e acaba por fornecer a Teoria um objeto desmaterializado, um ser ideal a que não corresponde algo concreto. (Zilberman *et al*, 2004, p. 15)

Segundo a autora, as fontes primárias respeitam o processo de criação porque são “concretas, materiais e palpáveis” (p.15), e podem apresentar o percurso da criação. Oferecem materiais ausentes na obra, como contextos de criação, produção material e leitura. Além do ponto de vista mais contributivo, oferecem reflexões que fogem do campo de especificidade e valor da obra.

Assim, a forma que melhor se encontrou de organizar esse trabalho é primeiramente apresentar um breve contexto histórico-social brasileiro para entender em que conjunção o *corpus* da pesquisa se aloca. Para justificar o porquê do período se busca exemplificar por quais movimentos o Brasil passava e como isso se refletiu na escolha dos anos 1890 a 1900 como os anos de coleta de dados.

A segunda parte explica quais caminhos levaram a imprensa brasileira à sua formação inicial e seu desenvolvimento, além de apresentar a formação do periódico *Gazeta de Notícias*.

Uma vez justificados os caminhos que levaram à escolha do período e do periódico, os resultados da coleta de dados são apresentados de forma a se analisar quais as contribuições possíveis vindas de tais ocorrências.

Dessa forma, considerando a importância de fontes primárias para os estudos literários, inicia-se essa pesquisa, que os tem por principal material de estudo. A partir dos resultados encontrados, apresentamos análises primordialmente exploratórias que oferecem respostas a dois questionamentos principais: como a relação entre Literatura e Jornalismo contribuiu para a formação da Literatura Brasileira no período escolhido e que consonâncias podem ser observadas entre o movimento literário brasileiro e as publicações da GN.



## 2 O BRASIL NO PERÍODO: UM CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

Os anos 1899 a 1930 podem ser considerados, do ponto de vista histórico, de grande importância para a história do Brasil. Prova disso é que o historiador Boris Fausto, em seu trabalho *A História Concisa do Brasil* (2001), dedica um capítulo de sua obra para discorrer sobre o que ele chama de “anos de consolidação” (p.139).

O trabalho do autor é uma das fontes de maior relevância para a explicação da motivação da escolha desse período dos anos de 1890 a 1900, para a coleta e análise dos dados integrantes desse trabalho. Isso porque consideramos que as explicações de Fausto, ao longo do texto, além de detalhistas, possuem um caráter didático e contributivo tanto a trabalhos cujo foco não seja especificamente discorrer sobre a história do Brasil, como é o nosso caso, quanto para historiadores pesquisadores. Assim, faremos então uma breve contextualização baseada em Fausto (2001), para que de maneira clara se explique os movimentos que estavam em construção na virada do século e como eles são relevantes para a nossa então jovem formação cultural.

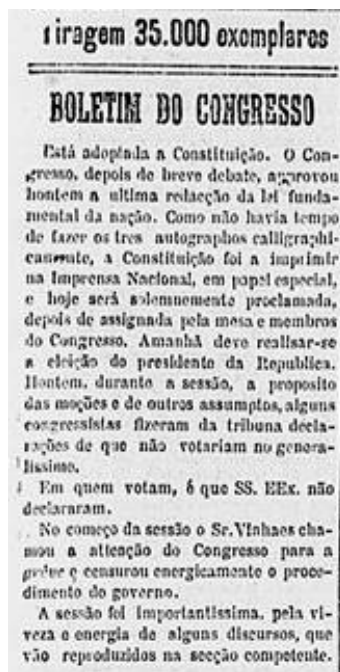
Do ponto de vista político, o Brasil passava por um momento determinante em sua história, e a recém-nascida república ainda sangrava de suas escolhas, o que refletia em diversos aspectos da vida em sociedade. Como Fausto (2001) bem denomina, tais anos foram de consolidação de um planejamento de nação e sociedade e foram acompanhados de diversas concepções de formação de República.

O ano de 1891 é marcado pela promulgação da primeira Constituição republicana, que inaugura o presidencialismo, separa Igreja e Estado, prevê liberdade, segurança individual e a propriedade. Lima (2005) descreve a primeira república como um período marcado pela inconsequência e a falta de lógica. Isso porque foi proclamada pelo exército, quando havia no país um partido republicano que poderia ter feito tal empreitada. Marechal Deodoro da Fonseca, o então primeiro presidente da República brasileira, afirmava que o regime seria uma desgraça para o Brasil.

De grande repercussão internacional e passível de bastantes ajustes internos e adaptações, Fausto (2001) salienta que o primeiro ano da República foi conturbado e marcado por algumas crises. Já nessas importantes passagens da

história, a Gazeta de Notícias cumpria seu papel de prestação de serviços e estampava em suas publicações as mudanças pelas quais o Brasil passava. A Figura 1 apresenta o boletim do congresso em que noticia a promulgação da Constituição.

Figura 1 Boletim do Congresso - 24/02/1891



Fonte: Retirado do site BND

Com as mudanças provenientes do texto constitucional vieram também mudanças socioeconômicas importantes. Podemos destacar aqui o grande número de imigrantes recebidos no Brasil, dentre eles os italianos, em maioria, seguidos de portugueses e espanhóis. Ocupando espaços de norte a sul, os imigrantes começam a estruturar movimentos de relevância econômica ao se tornarem grandes proprietários de terra, produtores de café e algodão, e de certa forma inaugurando o curso agrícola que o Brasil ainda possui. No mesmo período, o crescimento industrial se acentuava amplamente entre as regiões:

Os principais ramos industriais da época foram o têxtil em primeiro lugar e a seguir a alimentação, incluindo bebidas e vestuário. A indústria têxtil, sobretudo a de tecidos de algodão, foi a verdadeiramente fabril pela concentração de capital nela investido e pelo número de operários. Várias delas chegaram a ter mais de mil trabalhadores. (Fausto, 2001, p. 162)

Fica evidente no trabalho de Fausto (2001) que os primeiros anos da república ficaram apenas com a pretensão de bem comum, liberdade e bom

desenvolvimento econômico. O autor explica que os primeiros anos foram de fato turbulentos. Ele afirma:

O primeiro ano da República foi marcado por uma febre de negócios e de especulação financeira, como consequência de fortes emissões e facilidade de crédito. De fato, o meio circulante era incompatível com as novas realidades do trabalho assalariado e do ingresso em massa de imigrantes. [...] A especulação cresceu nas Bolsas de Valores e o custo de vida subiu fortemente. No início de 1891 veio a crise, com a derrubada do preço das ações, a falência de estabelecimentos bancários e empresas. (Fausto, 2001 p. 143)

Junto com as revoluções socioeconômicas e industriais surgem também alguns movimentos sociais. Entre eles, destacamos a guerra de Canudos, que ocupou as primeiras páginas da Gazeta entre os meses de novembro de 1896 a outubro de 1897. Segundo Fausto (2001), a guerra de Canudos integra o primeiro grupo de movimentos sociais, cuja composição é feita de trabalhadores que combinaram conteúdo religioso com reivindicação social. Segundo o historiador, há ainda outros dois grupos de movimentos sociais nessa época, sendo os que combinam conteúdo religioso e carência social e aqueles que expressaram reivindicações de ordem social sem nenhum conteúdo religioso.

O acontecimento pode ser visto como um episódio que apesar de ter acontecido bem longe do Rio de Janeiro teve consequências diretas no bem-estar da sociedade e no governo. Sobre como o conflito começou ele resume:

No sertão norte da Bahia formara-se em 1893, em uma fazenda abandonada, uma povoação conhecida como arraial de Canudos. Seu líder era Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro. [...] A pregação do Conselheiro concorria com a da Igreja; um incidente sem maior importância, em torno do corte de madeira, levou o governador da Bahia à decisão de dar uma lição nos "fanáticos". Surpreendentemente, a força baiana foi derrotada. O governo então apelou para as tropas federais. A derrota de duas expedições municadas com canhões e metralhadoras, em uma das quais morreu seu comandante, provocou uma onda de protestos e de violência no Rio de Janeiro. (Fausto, 2001, p. 146)

Sobre a guerra de Canudos, Lima (2005) apresenta um estudo detalhado desse conflito que, segundo a autora, proporcionou a primeira cobertura diária na imprensa nacional. O que de importante pode-se destacar é que na época os maiores jornais do Brasil mandaram representantes para cobrir o conflito. Entre esses representantes estava Euclides da Cunha, enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo*. O jovem repórter produz uma série de matérias que se tornariam a obra *Os Sertões*, entrelaçando mais uma vez os caminhos da literatura e do jornalismo.

Na sua obra, os então ascendentes meios de comunicação têm sua participação ativa no conflito, e são representados por Euclides como sendo os primeiros a fazer guerra "ideologicamente, por meio de um processo de construção discursiva de identidades e valores em confronto." (Lima, 2005, p. 3).

Ainda sobre os caminhos que Euclides cruza ao relatar o conflito e mais tarde transcorre para a literatura, concordamos também com Barbosa (2007), que discorre:

Transitando em espaços limítrofes da literatura e do jornalismo, as reportagens de Euclides da Cunha descrevem minuciosamente o cenário e as pessoas envolvidas no conflito de Canudos. Fazem uma contundente crítica ao governo brasileiro. Se o governo viu no movimento dos sertanejos uma ameaça à República, Euclides o situará como um problema social decorrente do pouco expressivo papel do Nordeste nos planos político e social. Descrições da terra, do homem, do conflito e crítica social se juntam a uma linguagem extremamente poética. Euclides oferece um novo exemplo do encontro entre o jornalismo e a literatura. (Barbosa, 2007, p. 59)

Assim como esperado, o conflito também aparece nas páginas do periódico aqui em destaque. Durante os meses em que o conflito acontece, também lemos seções dedicadas a ele na Gazeta de Notícias, apresentando entrevistas, relatos e resoluções. Destacamos abaixo a edição do dia 07 de outubro de 1897, que trazia abaixo do título Canudos - A Vitória, detalhes de como a paz foi finalmente encontrada e o conflito encerrado. A mesma edição também apresenta um desenho do chamado famigerado Antonio Conselheiro, que foi produzido a partir de uma fotografia trazida por um oficial vindo de Canudos.

Figura 2 Canudos e Retrato de Antonio Conselheiro - 07/10/1897



Fonte: Retirado do site BND

Por se manter por pelo menos um ano, o conflito de Canudos gerou diversas instabilidades na então capital Rio de Janeiro. Não somente por isso, mas também por uma grande fragilidade econômica, o Brasil passa por crises financeiras graves:

Como a situação do país era desesperadora, e o estado de São Paulo encontrava-se com melhor estrutura e organização, devido a uma economia superior e forças armadas próprias, a crise o tornou indispensável. Com ameaças de invasão dos rebeldes do Rio Grande, o presidente, Floriano Peixoto, concorda com a eleição de um paulista – Prudente de Moraes. Seu governo, também tumultuado, manteve o país em ruínas. Como sucessor, aparece Campos Sales (1898-1902) que em seu governo enfatiza a estabilidade econômica, faz novos empréstimos, porém consegue recuperar o país. O presidente, como chefe supremo, procura ainda, se entender com as oligarquias estaduais e promove eleições para a seleção de deputados, fator que atenderá diretamente aos interesses das elites, tornando-as, mais uma vez, controladoras do Estado. (Bonilha, 2009, p. 26)

Como a autora bem exemplifica, o retorno dessa estabilidade transforma ainda mais o cenário do Rio de Janeiro no final do século. As transformações sociais, culturais e políticas se refletem em vários aspectos do funcionamento da cidade e por conseguinte do país.

Essa importante transformação política respingou no modo como a sociedade brasileira se portava. Brito Broca, em sua obra “A vida literária no Brasil

– 1900”, apresenta os anos 1900 como um período de euforia, destacando esse período de importante remodelação do Rio de Janeiro.

Broca (2005) e Coutinho (1981) contribuem com um panorama amplo do cenário em que a Gazeta de Notícias circulava. Este, no capítulo *O Rio de Janeiro e a Unidade da Literatura*, parte integrante da obra *Conceito de Literatura Brasileira*, e aquele ao longo do seu livro *A vida Literária no Brasil 1900*.

O capítulo de Coutinho apresenta um histórico importante dos motivos que levaram o Rio de Janeiro a receber da Bahia em 1763 a sede do Vice-Reinado. Uma decisão inicialmente provisória e que, por motivos políticos, geográficos e econômicos acabou sendo uma mudança definitiva. Mas como um fato da segunda metade do século XVII refletiu no período por esse trabalho analisado? A pergunta é importante para entendermos mais a fundo a relação entre literatura e sociedade brasileiras. Coutinho (1981) sintetiza: “Literatura e comunidade identificam-se” (p. 69) e Broca (2005), citando Afrânio Peixoto, concorda que a “literatura é o sorriso da sociedade.” (p. 36). A mudança Bahia-Rio representou avanços significativos na sociedade Brasileira e acarretou avanços intelectuais, especialmente na formação da imprensa e da Literatura. Nesse período, importantes jornais destacaram-se, como o Jornal Do Comércio e o Diário do Rio de Janeiro.

Foi nesse desenvolvimento da imprensa que a nossa literatura encontrou espaço para melhor circular e com isso obteve um estímulo importante para seu desenvolvimento. Coutinho (1981) salienta que esses bons anos de consolidação deram ao Rio de Janeiro inaugurações relevantes de Institutos, observatórios, colégios e Academias. Destaca também que entre esses momentos importantes o teatro representa significativa intensificação dessa atmosfera intelectual:

Um fator de intensificação da vida intelectual do Rio de Janeiro, durante o Império, foi o teatro, cuja imensa voga é de Alencar, Macedo e Machado de Assis. O teatro de S. João, o Teatro Provisório, o S. Pedro de Alcântara, o Ginásio Dramático, o Alcázar, O Eldorado, o Fênix Dramático, o Lírico, e outros, foram o palco de uma intensa vida teatral, representando desde a alta comédia e a ópera, até as revistas e as peças brejeiras, de companhias estrangeiras. Os autores nacionais também se fizeram encenar desde 1840, com Martins Pena, Alencar, França Junior, Artur Azevedo e etc. (Coutinho, 1981, p. 73)

A passagem dos anos elevou o Rio de Janeiro a um papel centralizador e de capital intelectual, artística e literária no Brasil. Os jornais citados e outros importantes na História da imprensa nacional revelavam importantes revistas

literárias e, na redação de uma dessas, a Academia Brasileira de Letras foi gerada, no ano de 1896. O capítulo de Coutinho deixa claro a importância do Rio de Janeiro como lugar de capital intelectual e argumenta a necessidade de um centro dominante para atrair novas discussões que não estranhamente refletem na Literatura nacional:

Uma literatura, para desenvolver-se nacionalmente, precisa de um centro. O centro funciona, em literatura, como uma elite dominante numa sociedade, plasmado e fornecendo-lhe os altos padrões estéticos para expressar a experiência das realidades locais. O centro atua com prestígio sobre os novos valores, de modo a atraí-los para direções convenientes. O centro atua sobre a própria personalidade dos artistas, obrigando-os a um permanente esforço de aprimoramento para ficar à altura do tempo. [...] A literatura é filha das cidades. (Coutinho, 1981, p. 76)

Dessa forma, o Rio de Janeiro como lugar de aprimoramento artístico possibilitou um movimento unificador na literatura Brasileira. Broca (2005) assim resume:

Essa febre de mundanismo que o Rio começa a viver, reflete-se nas relações literárias. As seções mundanas dos jornais ocupam-se, ao mesmo tempo, de literatura. Figueiredo Pimentel, autor do célebre slogan "O Rio civiliza-se", na discursidíssima coluna do "Binóculo" na Gazeta de Notícias cujas edições dominicais, com páginas coloridas, eram magníficas, faz comentários sobre o último baile, a última recepção, entrelaçando-os com a notícia de uma conferência ou de um livro de versos. E o curso em Botafogo, de que ele foi o principal animador, torna-se até certo ponto um espetáculo literário. Os escritores vão ali colher ospotins, tecer as intrigas. Ação idêntica exerce João do Rio, primeiro no "Cinematógrafo", na Gazeta de Notícias, mais tarde no "Pall-Mall Rio", n'O País, pura imitação dos "Pall-Mall", de Michel-Georges-Michel, o cronista elegante de Deauville e da Côte d'Azur. Para atrair o público, a literatura procura valer-se da fotografia, das ilustrações, identificando-se tanto quanto possível com os motivos sociais e mundanos, nas revistas da época. (Broca, 2005, p. 37)

Assim, o momento da Literatura Brasileira aqui estudado é resultado dessa revolução e pluralidade chamada por Broca de "mundanismo", que dava à cidade um sentimento de pertencimento mesmo por aqueles não nascidos dela. Isso fez com que as páginas da literatura e da imprensa não registrassem apenas a cidade como assunto, mas também como força centralizadora e unificadora daqueles que escreviam. Candido (1999) esclarece que na metade do século XVIII a literatura brasileira já não era mais um espaço de publicações sem relevância e, sim, um "fato cultural configurado". (p. 24) O autor confere à Independência do Brasil o início de uma consciência de que a nossa literatura deveria ser diferente da Portuguesa, já que o conceito de nacionalidade se sobrepunha ao de concepções estéticas.

Dessa forma, o caminho percorrido até aqui se reflete no desenvolvimento dos movimentos literários brasileiros. Broca (2005), de forma geral, argumenta que a literatura brasileira “formou-se” com o barroco. Com o arcadismo-romantismo tornou-se autônoma. Com o modernismo atingiu a maioria. (p. 42).

Dadas as devidas proporções, apresentaremos um apanhado histórico dos movimentos literários e suas definições. Tal apresentação se justifica em dois motivos: O primeiro deles é apresentar uma contextualização histórica para o leitor, e assim facilitar o entendimento e alocação dos exemplos e ocorrências adiante explanadas. O segundo motivo tem relação direta com o objetivo de pesquisa que é de encontrar confluências entre as ocorrências da Gazeta de Notícias e os movimentos literários, e, para isso, é necessário apresentar quais movimentos são esses.

A começar por dois movimentos que se contrapunham e são muitas vezes colocados opostos, trataremos do embate entre Simbolismo e Parnasianismo. A paixão parnasiana pelo efeito estético é ressignificada no Simbolismo em busca de um desejo de encontrar respostas que não se identifiquem com o racional, moldado e mecânico. O movimento criou hábitos e costumes marcantes e sobrou para os poetas dele adeptos o objetivo de reconquistar a arte pela arte. Os poetas do Simbolismo são descritos por Broca (2005) como “magos e senhor de uma arte cujos poderes só ele conhece e que consiste em penetrar no próprio mistério da existência.” (p. 184) Os simbolistas buscavam uma aristocracia e assim se afastar da ideia comum de ser dos parnasianos. Para os simbolistas era importante o poeta assumir um mistério e uma forma de ser não ordinário.

Bosi (1993) destaca que o que há em comum entre os grandes nomes de ambos os movimentos foi a oposição ao Império escravocrata. Ambos tiveram o tema como o chamado pelo autor de “roteiro fundador”, porém, passada a abolição da escravatura em 88, ambos se voltam à linha europeia do estetismo:

O divisor de águas acompanha, como já vimos, a passagem da tônica, no nível das intenções: do objeto, nos parnasianos, para o sujeito, nos decadentes, com toda a sequela de antíteses verbais: matéria-espírito; real-ideal, profano-sagrado; racional-emotivo...Mas, se pusermos entre parênteses as veleidades dos simbolistas de realizarem, através da arte, um projeto metafísico; e se atentarmos para a sua concreta atualização verbal, voltaremos à faixa comum do elitismo onde se encontram os parnasianos. (Bosi, 1993, p.269)



Ambas as escolas podem ser encontradas no momento que aqui abordamos. Bosi (1993) identifica que o simbolismo não atingiu boas marcas qualitativamente, apesar de ter surpreendido quantitativamente. E sobre o paralelo entre os dois movimentos descreve:

O que o Simbolismo procurou, antes de mais nada, foi reabilitar o culto da poesia, a alta condição do poeta no mundo, que os parnasianos, numa natural reação aos românticos, tendiam a banalizar. Com o parnasianismo a poesia enveredara, freqüentemente, por setores que lhe eram inteiramente alheios - o da ciência, da ação social, da luta política. [...] Os parnasianos, embora muitos fossem realmente boêmios, tinham sido, na maioria, aquilo que hoje nos habituamos a chamar de "cavadores". Lutavam ardorosamente pela vida, prontos até a fazer sonetos de encomenda, sempre que isso lhes trouxesse vantagens econômicas. (Bosi, 1993 p. 182)

Tanto Bosi quanto Broca, ao abordarem a relação e características Parnasianas e Simbolistas, concordam que o movimento no Brasil não teve uma relevância tão grande quanto na Europa. Diferentemente do movimento europeu, no Brasil o Simbolismo não alcançou grande relevância. Sobre isso Bosi (1993) esclarece:

Não obstante essas conquistas e o seu ar geral de novidade, o Simbolismo não exerceu no Brasil a função relevante que o distinguiu na literatura europeia, na qual o reconheceram por legítimo precursor o imagismo inglês, o surrealismo francês, o expressionismo alemão, o hermetismo italiano, a poesia pura espanhola. Aqui, encravado no longo período realista que o viu nascer e lhe sobreviveu, teve algo de surto epidêmico e não pôde romper a crosta da literatura oficial. Caso o tivesse o feito, outro e mais precoce teria sido o nosso Modernismo, cujas tendências para o primitivo e o inconsciente se orientaram numa linha bastante próxima das ramificações do Simbolismo europeu. (Bosi, 1993, p. 269)

O mesmo autor imputa a Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães como matrizes desse movimento e responsáveis pelas importações providas da França que dão vida ao movimento. O capítulo dedicado a entender o Simbolismo no Brasil percorre um caminho pelo país elencando aqueles pelo autor tidos como melhores poetas de cada região do país. No Sul, ele destaca Emiliano Pernetá, como único simbolista original vindo do Paraná, e Gabriele D'Annunzio, no Rio Grande do Sul, poeta italiano que influenciou jovens gaúchos a participar de rodas literárias. Sobre essa movimentação no Sul, Broca (2005) salienta:

O romantismo tivera seu maior desenvolvimento em São Paulo por causa da Faculdade de Direito; o naturalismo, embora produzindo seus frutos na metrópole, deitou suas mais fortes raízes no movimento cientificista do Recife. Com o simbolismo verificou-se um curioso fenômeno de aclimação nas províncias sulinas: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Augusto Meyer fala num estado de cumplicidade sugestiva, "nas

paisagens outonais e em outras predisposições igualmente imponderáveis". (Broca, 2005, p. 188)

Já o movimento romântico é reconhecido por Candido (1999) como uma importante manifestação no processo do sistema literário brasileiro. Apesar de ter rompido com concepções estéticas de seu precursor, o Arcadismo, ambos movimentos desempenham funções importantes na formação do sistema literário e na produção de obras regularmente. Além disso, ambos movimentos inauguraram escolas, institutos e inauguraram movimentos culturais:

Portanto, Arcadismo e Romantismo são dois momentos dialéticos no processo de formação do *sistema* literário, ao mesmo tempo opostos e complementares. O Romantismo terá maior importância histórica, porque atuou num país independente, de densidade cultural apreciável em comparação com a do século anterior. A partir de 1808 foi ininterrupto o movimento de criação dos mais diversos instrumentos culturais, inclusive as escolas de ensino superior, que o Brasil não possuía, obrigando os seus filhos a irem estudar na Europa, sobretudo Portugal. Assim é que foram surgindo bibliotecas, associações científicas e literárias, tipografias, jornais, revistas, teatros. (Candido, 1999, p. 40)

No Romantismo também encontramos essa dimensão mais localista e o argumento de que nacionalidade se sobrepõe à estrutura aqui também vale, apesar de ser feito ainda com influência europeia. Moisés (2001) ao abordar as preliminares desse movimento evidencia que o Romantismo de um país pouco tem a ver com o do outro, tendo em vista que os eventos que o definem têm bases diferentes e são formados em termos específicos, a ver, a difícil missão de apresentar uma definição do movimento.

Missão essa que os autores aqui apresentados se desprendem logo de início em suas obras, a saber, Bosi (1993) alerta: “e, à falta de uma definição que o abrace, no contorno de uma frase, a riqueza de motivos e de temas do movimento, é comum recorrer ao simples elenco destes, ocultando no mosaico da análise a impotência da síntese.” (p. 91). Além dele:

Como sempre, as duas propostas mais se completam que se excluem: é certo que cada país afeiçoou o Romantismo às suas peculiaridades étnicas, históricas, geográficas, etc., mas também é verdade que um denominador comum solidariza, ao menos no aspecto fundamental, as várias modalidades regionais ao movimento. Numa palavra: aos vários romantismos corresponde um Romantismo. Do contrário, nem era possível empregar o mesmo vocábulo para designar processos literários autônomos. Se tem alguma procedência referir os vários romantismos é porque existe um Romantismo, lugar-comum de todos eles. Se não, o

termo “romantismo” rubricaria objetos diferentes, o que configuraria impropriedade ou abuso de nomenclatura. (Moisés, 2001, p. 316)

O mesmo autor apresenta o Romantismo como revolução, considerando que ele surge em meio ao desaparecimento de oligarquias e o surgimento de monarquias constitucionais ou das repúblicas. Ele aponta a identificação anterior do Classicismo com a nobreza e do Romantismo com a burguesia. A burguesia usava da estética para adquirir voz, se impor e sobreviver e transforma os assuntos em obras. A ficção romântica servia como um espelho, não necessariamente para refletir como a sociedade era, mas como ela gostaria de ser. Sobre a inauguração das obras que assim se comportam, Candido (1999) adiciona:

Pela altura dos anos de 1850 e 1860, um fato importante foi a voga do romance, que serviu de instrumento para revelar o país através da descrição de lugares e modos de vida. Há o romance de costumes, de um realismo misturado ao destempero melodramático, ou atenuado pelo bom humor mediano, na obra do fecundo Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), autor de um dos maiores sucessos de público da nossa literatura, *A Moreninha* (1844), narrativa ligeira e agradável de amores convencionais da classe média, que se tornou verdadeiro padrão para os escritores mais jovens e deu ao gênero uma dignidade que consolidou o seu prestígio. (Candido, 1999 p. 42)

Moisés (2001) destaca a importância da atividade jornalística na difusão do Romantismo. Ele descreve a atividade como o mais novo instrumento de cultura e desempenhava um papel revolucionário nas questões sociais e, após um tempo de predominância política, a atividade literária encontrou um espaço. Ele salienta:

Quer pelo volume de periódicos surgidos desde a independência, quer por sua vitalidade, o jornalismo identificou-se com a revolução romântica. A tal ponto que é impossível equacionar a magnitude da segunda sem apelo ao impacto exercido pelo primeiro: na efemeridade dos jornais os românticos divisavam a reprodução do seu ideal de existência, centrado no “eu” e na paixão pela aventura. (Moisés, 2001, p. 332)

Por fim, o mesmo autor destaca os três momentos pelos quais o Romantismo Brasileiro passou, sendo eles:

Três fases, ou momentos, percorreu o nosso Romantismo: 1ª) de 1836 até 1853 aproximadamente, 2ª) de 1853 a 1870, e 3ª) de 1870 a 1881, quando tem início o Realismo. Evoluindo no curso de quatro decênios, ostentam características próprias, diferenciadas, porém não estanques; cada qual gira ao redor de uma tônica literária, erigida por algum tempo em moda, mas todos são permeados por um continuum estético que é a própria razão de serem englobados sob o título de Romantismo. (Moisés, 2001, p. 331)

Como reação a esse movimento, de forma geral, a corrente do Realismo surge e encontrou em Gustave Flaubert um dos seus principais representantes. O autor alcançou o ápice desse movimento literário com o romance *Madame Bovary*. Sua escrita objetiva e estilo moderno são considerados por muitos como precursor do romance realista, uma vez que seus textos procuram delinear os contornos da sociedade francesa da época.

Flaubert apresenta em seus romances uma construção realista inovadora. Toda a sua obra romanesca é caracterizada por frases curtas e pausas, o que destaca significativamente a transposição da realidade para a literatura.

Assim como Flaubert, Honoré de Balzac também desempenhou um papel fundamental no movimento realista, ao explicar o mecanismo fisiológico da sociedade francesa em seu progresso e decadência.

Balzac baseia-se nas leis que regem o mundo biológico. Ao conhecer o ambiente em que seus personagens vivem, ele descreve sua aparência externa, ou seja, o aspecto fisiológico, para destacar seu interior: o aspecto psicológico. Os elementos escolhidos para retratar em seus romances possuem todos uma componente humana ou sociológica. É dessa forma que se explicam as descrições detalhadas dos locais e personagens, que às vezes interrompem ou retardam a ação. Ao ler suas obras, é possível perceber a precisão geográfica em que a ação ocorre. A obra de Balzac é, portanto, uma narrativa histórica e social, analisando fatos históricos e sociais. Além disso, o autor adiciona o ponto de vista do narrador e, utilizando os elementos da metodologia realista, consegue recriar uma ficção "real" do século XIX.

Comumente explorado, o movimento realista tem em outro, que merece destaque e que fora amplamente discutido no Brasil do século XIX, sua díade: o Naturalismo. Assim como os outros aqui elencados, o movimento é de difícil definição e se encontra em um dualismo em seu par o Realismo. Segundo Coutinho (1981) ele pode ser tido como:

um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o Realismo

fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade. (Coutinho, 1981, p. 8)

Os escritores tidos como Naturalistas são vistos dessa forma porque costumam apresentar as personagens a partir de um ponto de vista quase clínico em que descrevem casos patológicos. As narrativas são guiadas por temas como o alcoolismo, como na obra de Émile Zola, adiante explorada, o fanatismo religioso, a ambição, como na obra de Aluísio de Azevedo, também adiante trazida. O naturalismo encontra nas eclosões de mudança sociais, políticas e principalmente no evoluir da ciência o mote para conduzir suas narrativas. Tais fatores favorecem esse formato, que busca analisar a sociedade à luz de sua própria realidade.

O Naturalismo concentra sua investigação no efeito do ambiente físico, social e da hereditariedade nos seres humanos, com o objetivo de contextualizá-los de forma mais aprofundada. Para alcançar esse objetivo, essa corrente literária utiliza a criação de novos personagens sociais, que refletem tanto as características do ambiente social em que estão inseridos como também são influenciados por ele.

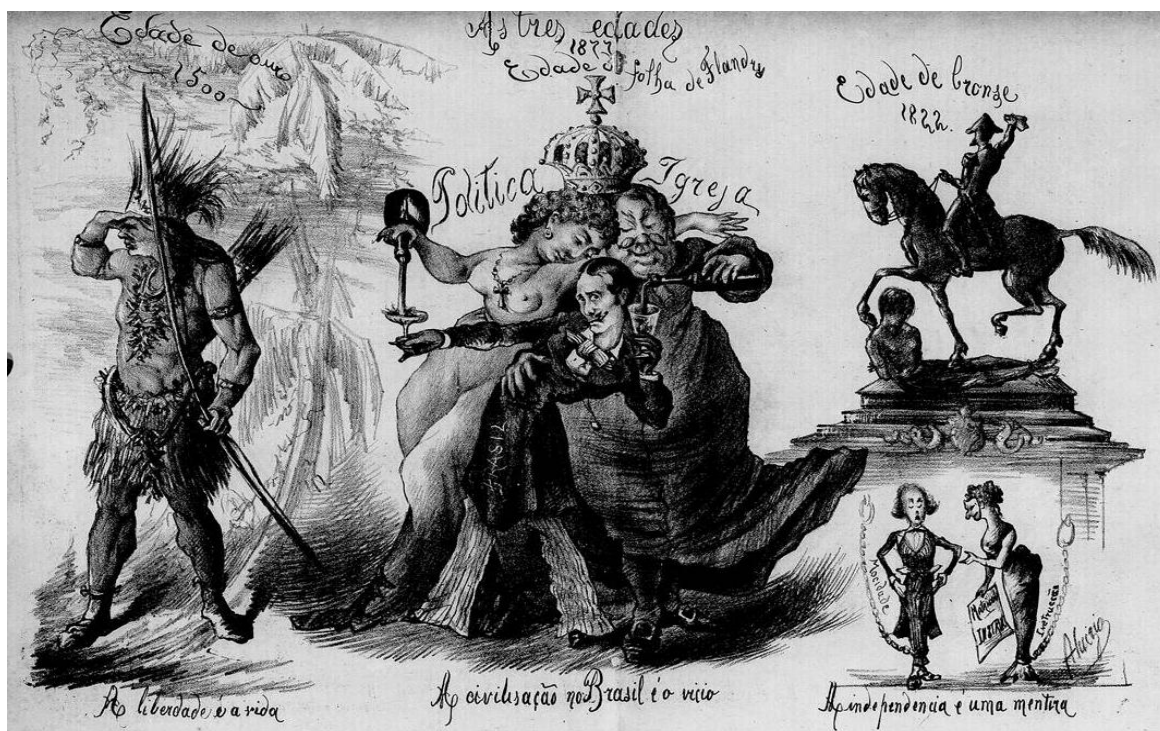
Dessa forma, o Naturalismo busca retratar a interação complexa entre os indivíduos e seu entorno, explorando como esses elementos moldam suas vidas e influenciam seus comportamentos e destinos.

No Brasil, Aluísio de Azevedo é considerado o fundador oficial do movimento naturalista. Sua vivência em São Luís do Maranhão coincidiu com o surgimento dos primeiros indícios da teoria naturalista, que encontrou espaço para ser divulgada no jornal *O Pensador*. O escritor aparece com frequência nos meios de comunicação, em especial na *Gazeta de Notícias* e na *Revista Brasileira*, desempenhando um papel fundamental na disseminação das ideias e na consolidação da escola naturalista no país. Como veremos nos capítulos adiante, Aluísio se destacou em suas publicações no jornal aqui estudado, sendo responsável por divulgar seu trabalho e também por críticas literárias. Aluísio de Azevedo, além de ser um renomado romancista naturalista brasileiro, também se destacou por suas habilidades como ilustrador. Suas ilustrações complementavam e enriqueciam suas obras literárias, oferecendo ao leitor uma experiência visual mais completa. Através de suas ilustrações, Azevedo buscava retratar de forma vívida as cenas e personagens de seus romances, capturando detalhes

expressivos e realistas. Essas ilustrações contribuíram para a imersão dos leitores em seus enredos, permitindo-lhes visualizar a atmosfera e os elementos descritos em suas narrativas de maneira mais tangível. Azevedo, com sua dupla habilidade, como escritor e ilustrador, trouxe uma dimensão adicional às suas obras, tornando-as ainda mais impactantes e envolventes para o público.

Sobre esse trabalho de Aluísio, a autora Queluz (2016) em seu trabalho *Humor e política nas caricaturas de Aluísio de Azevedo* apresenta um estudo no qual retrata a visão política das caricaturas e o contexto explorado por elas. Destacamos aqui a caricatura *As três idades do Brasil* de 1877, divulgada no jornal *O Mequetrefe* em 19 de março. Abaixo a ilustração:

Figura 3 As três idades do Brasil de 1877



Fonte: Queluz (2016)

Segundo Queluz (2016):

Na charge “As três idades do Brasil” (Figura 2), crítica e nostalgia fundem-se no olhar sobre a situação brasileira. A Idade de Ouro (1500) é marcada pela presença do índio. Forte, altivo, musculoso, procurando algo no horizonte, sugere um guerreiro em prontidão, armado com seu arco e suas flechas, tentando avistar o que vem de longe. Configura-se uma sensação de perda. O índio volta-se para a esquerda (o passado?), para o início da história oficial do país, assim como outros elementos da imagem apontam a mesma direção: o braço do personagem central (Brasil), o cavalo, a personagem mascarada/instrução. Ao fundo, insinua-se a paisagem, em

traços rápidos, lembrando a exuberância da natureza, as plantas icônicas na identificação das terras brasileiras. A frase “a liberdade é a vida” parece reiterar a busca do momento ideal. Constrói-se a noção da liberdade como existente apenas antes da vinda dos portugueses e o índio como o verdadeiro representante do povo brasileiro. (Queluz, 2016, p. 3)

Mais sobre a obra e o lado caricaturista de Alúcio podem ser encontrados no trabalho acima mencionado.

Na Gazeta de Notícias, a discussão a respeito desses movimentos aqui brevemente descritos aparece em geral na forma de críticas literárias e cartas. Destacaremos aqui as discussões levantadas por uma série intitulada *Cartas Litterarias*, publicada entre os meses de novembro de 1893 e junho de 1894. As seções são assinadas por C.A.<sup>2</sup> e apresentam considerações sobre Arte, literatura, livros, movimentos e discussões literárias. As duas primeiras cartas conversam sobre definições e limites do Naturalismo e do Simbolismo. A primeira é publicada no dia 11 de novembro de 1893 e nela o autor destaca a obra de Zola, afirmando que o grande romancista tem uma superioridade mental e que a geração que então vinha se formando não conseguia visualizar tamanha importância por ela confundir moda com arte, o que é sério e grandioso com o que é banal e transitório:

Para eles a Arte é uma espécie de fato que a gente veste hoje, novo em folha, sabidinho da melhor alfaiataria da rua do Ouvidor, para despir amanhã, simplesmente porque está fora da moda. Tal é a visão artística dos inimigos do Naturalismo; a sua esthetica mal consegue, pelos processos de polarização, distinguir materialmente as cores do prisma. (Gazeta de Notícias, 13/11/1894)

A continuação é publicada no dia seguinte, terça-feira, e começa com o autor deixando claro que não deseja “hostilizar” uma escola. Ao longo da escrita ele explica os motivos pelos quais acredita que o Simbolismo não apresenta relevância suficiente para se apresentar como uma oposição ao Naturalismo. O escritor chama os representantes do Simbolismo de “cansados da vida, cujo espírito abre-se todo para as nebulosas regiões do sonho”. O autor afirma que, considerando que não é possível procurar os sintomas dessa geração em todos os países que têm uma literatura definida, ela irá tomar Portugal como campo de suas considerações. O que é justificável, considerando a afinidade e influência da literatura daquele país

---

<sup>2</sup> Como era comum à época, muitos escritores assinavam apenas siglas, codinomes e pseudônimos. Nesse caso não foi possível encontrar a identidade de C.A.

na brasileira. Essas considerações da relação Naturalismo e Simbolismo assim são postas:

Agora a influência do espirito sobre os actos da vida as relações entre o corpo e a alma são fenômenos que começam a ser estudados com grande interesse pelos modernos psychologistas. Em uma palavra, o Naturalismo ganha terreno, alargando os seus processos, generalizando-os. Não existe reação alguma, o que actualmente se observa é uma consequência natural dos princípios até agora estabelecidos pela sciencia. Quanto ao Symbolismo dos novos poetas, não o comprehendo eu, tal como até agora tem sido manifestado. Em que consiste afinal esse symbolismo tão vago quanto palavroso e absconso? No emprego esdruxulo de palavras novas representando estados da alma? Na tendencia exquisita para os themas sacros? Na estranha combinação de sons formando phrases sem sentido? (Gazeta de Notícias, 14/11/1894)

C.A. reconhece o talento dos adeptos desse movimento, porém destaca que para que a Arte perdure é necessário que ela seja inteiramente compreendida pelo povo, tendo o objetivo de falar ao coração e ao ânimo. Segundo ele, é nisso que está o merecimento das imponentes obras do grandioso Garret, por exemplo. O mesmo apelo ao cunho popular e entendimento fácil não é encontrado no Simbolismo e, pelo contrário:

Essa aristocracia, que se pretende crear na arte, não consultando a intellectualidade da maioria, redundá n'um monopólio odioso e incoerente. Odioso, porque o artista que se destaca do sentir popular, da alma dos simples por um zelo calculado e vaidoso, não consegue senão provocar a antipathia geral; incoerente, porque a verdadeira arte é a expressão natural e espontânea da verdade, e desde que o artista sacrifica este principio, soberano e eterno, por amor de efêmeras conquistas, elle contradiz a sua índole e deixa de ser sincero. (Gazeta de Notícias, 14/11/1894)

A terceira parte das *Cartas Litterarias* começa como uma afirmação que encontra ecos em estudos contemporâneos de literatura. Nela lemos que o posicionamento desse crítico é de que não se pode dividir a Arte em escolas. O que acreditamos ser de valia transcrever:

Sempre me pronunciei contra o antigo veso de querer se dividir a Arte em escolas, segundo a feição nova de cada artista, demarcando limites ao talento dos que surgem. Se fossemos classificar todos os pintores desde Raphael, nunca mais acabaríamos com a lista das escolas e isto sem o menor proveito para a pintura. Tanto o artista como sua obra devem ser estudados á luz do critério scietifico, pelo prisma da verdade, sem outra preocupação que não a de determinar a intensidade do poder creador daquele e a caracterictica de sua esthetica. O contrário seria perder tempo e cansar o espirito inultimente. (Gazeta de Notícias, 15/11/2023)



Um exemplo desse eco achado nos estudos mais contemporâneos de literatura pode ser encontrado nas reflexões feitas por Jauss, em 1967, em sua aula inaugural na Universidade de Constança, reunidas na obra *História da Literatura como provocação à teoria Literária* (1994). Depois de abordar as características e escolhas das escolas formalistas e marxistas de análises literárias, o autor se dedica a esboçar uma nova forma de fundamentar a metodologia da literatura. Em consonância com o apresentado por C.A em 1983, o capítulo VI da obra de Jauss esclarece que:

A concepção positivista da história como descrição "objetiva" de uma sequência de acontecimentos num passado já morto falha tanto no que se refere ao caráter artístico da literatura, quanto no que respeita à sua historicidade específica. A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. (Jauss, 1994, p. 25)

No trecho acima é discutida a concepção positivista da história e como ela falha ao considerar a literatura. Como podemos lembrar, o positivismo é uma corrente filosófica que busca explicar os fenômenos com base em fatos observáveis e verificáveis. Na concepção positivista da história, acredita-se que ela pode ser descrita de forma "objetiva" como uma sequência de acontecimentos que ocorreram no passado.

Já para Jauss (1994), essa concepção falha quando se trata da literatura, tanto em termos de sua natureza artística quanto de sua historicidade específica. A partir das considerações oferecidas no capítulo VI, a obra literária não é um objeto estático que existe independentemente do observador ou da época em que é lida. Ela possui um caráter artístico, o que significa que sua interpretação e compreensão podem variar de acordo com o contexto cultural, as perspectivas individuais e as mudanças históricas. Além de estar intimamente ligada ao tempo e ao lugar em que foi produzida, refletindo as influências sociais, políticas, culturais e históricas desse período. Portanto, a história não pode ser simplesmente reduzida a uma sequência objetiva de eventos, pois a literatura desafia essa noção ao incorporar elementos subjetivos e contextuais.

Em suma, ambos os trechos aqui apontados convergem para uma reflexão que busca compreender a literatura para além da concepção positivista da história

e que se afastem de abordagens que busquem categorizar, limitar ou reduzir a arte a classificações rígidas.

Continuando para as *Cartas*, as três primeiras que aqui destacamos parecem ser partes de um texto completo feito pelo autor que buscava analisar a obra *A Normalista*, de Adolfo Caminha. Ao longo das três primeiras exposições, publicadas nos dias 13, 14 e 15 de novembro de 1893, o autor revisita a obra de Adolfo Caminha apontando o que acredita ser pertinente considerar sobre a obra. O que também nos faz acreditar que as três primeiras sejam partes de uma só é o fato dos primeiros títulos serem acompanhados de I e na segunda e terceira publicação acompanhados pela descrição *Continuação*. A partir da quarta publicação as considerações de C.A são ordeiramente enumeradas e começam no dia 24 de novembro de 1893 e findam no dia 14 de junho de 1894.

Na publicação do dia 18 de janeiro de 1894, o autor destaca a importância de um livro já nas primeiras páginas conquistar o seu leitor, explorando nas primeiras linhas a sua inteligência e imaginação por meio de frases bem-acabadas, metáforas bem construídas e um mistério bem-produzido.

A simplicidade no dizer é quase tudo na obra d'arte litteraria e isto resulta muita vez de um esforço intelectual mortificante que absolutamente não transparece. Poder-se-hia chamar dynamisação da frase a esse processo lento e penoso do escritor em busca do termo exacto para a expressão de seu pensamento. A má colocação das palavras quantas vezes prejudica o sentido verdadeiro de uma descripção, tirando-lhe o efeito fesejado? Antes de tudo deve-se conhecer o valor de cada termo, a significação immediata de cada palavra. (Gazeta de Notícias, 18/01/1894)

A quinta edição das cartas apresenta uma discussão relevante acerca da relação escritor e editor. C.A, em 02 de abril de 1894, questionava a relação exploratória de editores em relação a escritores conhecidos. Segundo ele, essa relação era um dos motivos principais pelos quais os escritores se recolhiam, perdiam a inspiração e tinham seu talento diminuído devido a grande ganância do editor.

O escritor narra o que costumeiramente acontece àqueles que escrevem no Brasil. Segundo ele, romancista, no Brasil, estava longe de ser uma profissão. Sendo assim, não era possível viver disso. Era preciso dedicar-se a um emprego comum, formal e somente em seu tempo restante dedicar-se à escrita, o que levava

o romancista a demorar quase um ano para terminar sua obra. Ao encontrar um editor, que se apresentava como conhecedor dos gostos populares, que afirmava saber o que os leitores desejavam, que declarava a preferência do estilo à arte ou bom enredo e que pouco se importa com esse processo, o escritor tem por escolha um caminho a tomar: recolher-se a obscuridade ou a miséria. A primeira não tornando público seu livro e a segunda o entregando, mesmo assim com uma miséria em retorno por ele. Em ambas as escolhas, quem sai perdendo é o escritor, que dedicou seu tempo e trabalho. Ainda nas palavras de C.A, o editor é um dos responsáveis pela miséria literária pela qual o Brasil passava e pelo seu ainda atrasado desenvolvimento, considerando que editava economicamente baboseiras a dez tostões o volume.

José de Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, os escriptores que mais produziram em nosso paíz, morreram lastimavelmente pobres, numa quase indigencia, não que a obras d'elles ficasse encalhada, por falta de leitores, no fundo poento das livrarias. O autor do Guarany ainda é lido com entusiasmo por muita gente. Morreu pobre, com elementos de fortuna, em consequencia da usuraria especulação de seus editores. Esta é a verdade. Sempre o mesmo pretexto, a mesma allcantina; mas o certo é que, se não houvesse probabilidade de se vender o livro, eles não ousavam propor o negocio... Devia existir um rigoroso tratado litterario, em que os direitos de autor fossem claramente expressos, uma lei severa e positiva, estabelecendo medidas contra a especulação, o abuso e a improbidade comercial dos editores. (Gazeta de Notícias, 2/04/1894)

Destacamos a observação apresentada pelo autor que considera o axioma “a pressa é inimiga da perfeição”, e a partir dele leva em consideração o quão importante é uma obra ser revisitada, relida e reconsiderada antes de ser levada a seus, por ele chamado, contemporâneos. Porém, o mesmo autor também aponta que a perfeição é inimiga do homem e por isso é importante que a preocupação do artista não deva ser única e exclusivamente a produção absolutamente perfeita e sublime. O autor questiona a busca e o culto pela forma literária e assim a descreve:

Esse culto exagerado, essa voluptuosa religião da forma litteraria, que alucina, que tortura, que mata o artista, vai-se tornando uma grande doença, uma terrível epidemia intelectual, uma calamidade eversiva. Em breve será preciso reformar o alfabeto, substituí-lo por um numero ilimitado de caracteres symbolicos, de feição bizarra para serem meditados no futuro, séculos depois... E a morphomania litteraria, a esmagadora obcessão do estylo novo, inédito, rebuscado, [...] deixando o artista só, abandonado no círculo de ferro de seus ideaes intangíveis. Em summa, o verdadeiro artista não precisa que lhe indiquem o caminho a seguir, o modo, a forma por que crystallizar a vida de seu espirito. Todas as formas são boas, todos os meios óptimos, desde que representem uma interpretação logica e racional do mundo, alguma cousa superiormente

notada, estranhamente bella, fora da órbita comum. (Gazeta de Notícias, 14/07/1894)

Assim, as *Cartas Litterarias* representam um exemplo notável quando queremos demonstrar como as discussões literárias aconteciam na Gazeta de Notícias. Dentro das publicações em destaque foi possível perceber o interesse do autor, que sempre ocupou a primeira página, em esclarecer conceitos, discutir movimentos, avaliar obras e conceitos que outrora eram replicados. As cartas que optamos por não destacar aqui apresentam opiniões pontuais do autor com relação a autores e obras que estavam sendo lançadas e, por representarem discussões mais precisas, não as trouxemos para discussão.

Por fim, finalizamos esse capítulo com a intenção principal de situar o leitor quanto aos movimentos e transformações sociais que tinham seu lugar garantido nos anos de pesquisa aqui explorados. Nos próximos, evidenciaremos o papel do periódico escolhido e a formação da imprensa no Brasil.

Na figura 4 destacamos as partes iniciais das *Cartas Litterarias*, as quais consideramos parte essencial desse capítulo aqui encerrado.





### 3 A FORMAÇÃO DA IMPRENSA E DA GAZETA DE NOTÍCIAS

#### 3.1 A formação da imprensa brasileira

Os esboços primários de uma imprensa brasileira acontecem por volta de 1746, no Rio de Janeiro, onde, com a autorização da autoridade local, instalou-se uma tipografia e dela se imprimiram obras como a 5ª edição da *Vida de D. João de Castro, as Notícias de Portugal*, de Manuel Severim de Faria e algumas outras poucas. Sodré (1983) destrincha os detalhes que nos levam a chamar as primeiras tentativas de surgimento da imprensa, de um esboço, considerando que durante alguns anos há iniciativas de aberturas e ordens de fechamentos das tipografias existentes. A obra de Sodré (Id) representa nossa maior referência com relação a formação da imprensa, seu livro *História da Imprensa no Brasil* serviu de base para nossos estudos e, quando não diretamente citado, fundamenta de forma mais ampla nossas retomadas históricas.

Segundo o mesmo autor, somente em 1808 há oficialmente a instalação da imprensa no Brasil, com as devidas medidas de fiscalização por parte de uma junta “real” que buscava evitar qualquer publicação contra a religião, o governo e os bons costumes. A partir de então, surge o primeiro jornal impresso do Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro, que nada mais tinha do que uma reprodução dos costumes europeus. Cita-se:

Dessa oficina, a 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro. Era um pobre papel impresso, preocupado quase que tão-somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, trissemanal depois, custando a assinatura semestral 3\$800, e 80 réis o número avulso, encontrado na loja de Paul Martin Filho, mercador de livros. Dirigia esse arremedo de jornal frei Tibúrcio José da Rocha. (Sodré, 1983, p.22)

Sodré (1983) salienta que a Gazeta do Rio de Janeiro possuía caráter mais cronológico do que de algum marco de periodismo, visto que ela cumpriu um papel muito restrito de informar os moldes europeus e, apesar de haver na época diversos “queixumes”, ela não estampa nenhum deles em suas páginas. Assim, a Gazeta do Rio de Janeiro não atendia a outro objetivo senão o de divulgar os interesses da Coroa. Contrário a essa configuração, surge o Correio Brasiliense, que uma vez

impresso na Inglaterra tem uma liberdade maior em seu formato e que se configura como uma oposição ao de domínio da coroa portuguesa.

O mesmo autor atenta para o fato de que somente no ano de 1821 começou a circular no Brasil um jornal que atendia aos interesses da população. Foi na Bahia, o *Diário Constitucional*, o qual enfrentou diversos combatentes. Sobre ele, Sodré(1983) transcreve uma nota publicada no periódico *O Espelho*, que diz:

O Constitucional era o único periódico que se atrevia a lançar em rosto àqueles tiranos em sua arbitrariedade, sua injustiça, sua barbaridade. E o que fizeram eles? Assanharam primeiro uma matilha de escritores venais, sem nomes, sem luzes, tirados mesmo das filas, surgiram Sentinelas, Analisadores e tantos outros papéis, que fazem a vergonha da literatura, para escoltarem a *Idade de Ferro* e *O Seminário*. Mas isto ainda não aterrou o patriotismo dos redatores do Constitucional. Suscitam-se embaraços na tipografia, reduz-se a um terço o número de folhas, multiplicam-se as despesas. Assaltam-se muitas vezes as casas dos redatores, por toda parte se fazem ameaças; desamparam seus lares, mas sustentam a causa da pátria. É preciso lançar mão de procedimento mais iníquo, perseguindo, não já os escritores escudados pela lei, mas o mesmo impressor e os inocentes vendedores. (Sodré, 1983, p. 52)

Ainda segundo o mesmo autor, o nascimento da imprensa brasileira está intimamente atrelado ao capitalismo e seu desenvolvimento. Segundo ele, a infraestrutura capitalista desempenhou um papel determinante e condicionante na origem e evolução dos jornais, tanto no Brasil quanto em outros lugares. Essa perspectiva segue uma abordagem clássica marxista, na qual a infraestrutura econômica determina a superestrutura social e ideológica.

Ele argumenta que o surgimento e o desenvolvimento da imprensa foram impulsionados pela "necessidade social" da burguesia mercantil de possuir meios técnicos de disseminação ideológica cada vez mais poderosos e aprimorados. Isso permitiria a ascensão da burguesia à condição de classe dominante e a manutenção indefinida de seu domínio sobre a sociedade. Em suma, a análise de Sodré (1983) enfatiza a relação intrínseca entre a infraestrutura econômica, a imprensa e a luta de classes na formação e consolidação da sociedade capitalista.

Lima (2005) também atenta para a transição de regimes de Monarquia à República, o que influenciou na estruturação da imprensa no Brasil. As grandes movimentações no âmbito político apresentam grandes transformações também no campo da imprensa escrita. Os periódicos republicanos ganham força e prestígio ao passo que os monarquistas passam a ser combatidos. Sobre as características da imprensa contemporânea a esses movimentos Lima elenca:

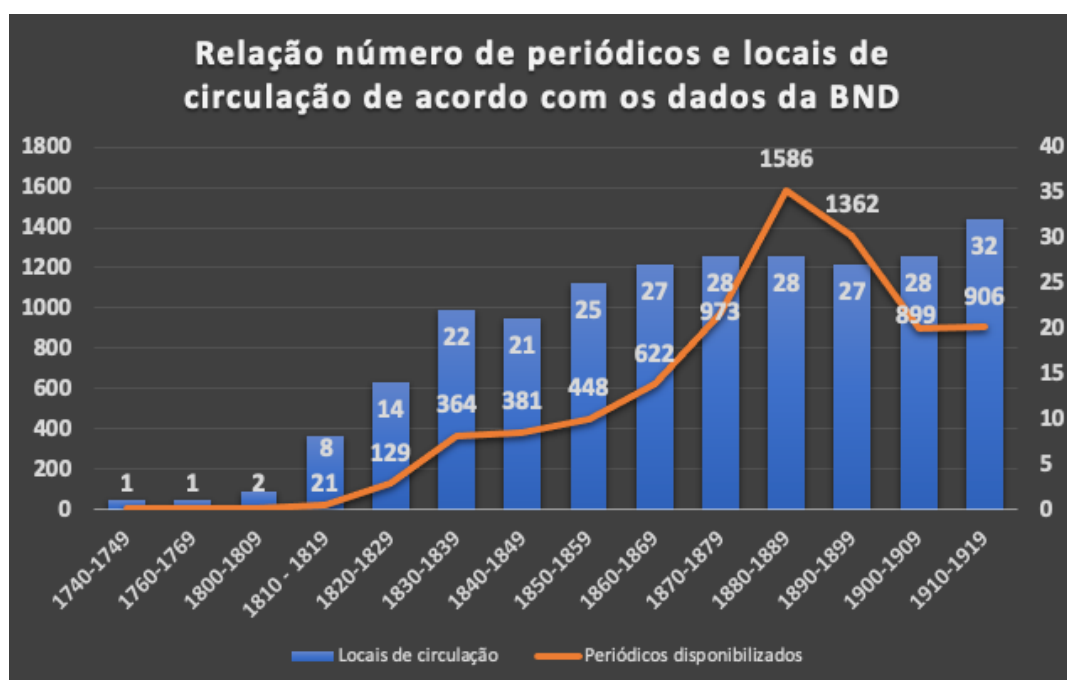
São características da imprensa do final do século XIX: o folhetim, ao invés do colunismo ou reportagem; o artigo político, muito mais do que a entrevista; a doutrinação, predominando sobre a informação; a produção artesanal e não industrial. Diferente do formato hoje conhecido, os jornais do final deste período possuíam pouca ilustração, grandes e estreitas colunas, com linguagem muitas vezes incorreta e uma quantidade muito ampla de matérias distintas, formando um “mosaico desordenado e policromo” (Galvão, 1994: 32 in Lima 2005 p. 34).

Galvão *in* Lima (2005) salienta que no Brasil foram criados mais de dois mil periódicos entre os anos de 1808 e 1897, apesar do país possuir nessa época uma população de setecentos mil habitantes.

O Gráfico 1 foi construído a partir de número retirados do site <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

O objetivo de contar com suas informações, além do recurso didático visual, é que também podem-se fazer algumas perguntas de análise importantes para a continuação desse trabalho.

Gráfico com dados obtidos a partir do site da BND



Fonte: A autora

Importante salientar que o site da Biblioteca compila os números em décadas, não sendo possível estratificar as informações. Porém, há algumas informações importantes a serem destacadas que ajudam a entender principalmente as curvas evidenciadas pelo recurso visual, apresentadas no gráfico.



Os primeiros anos disponíveis apresentam apenas de um a três periódicos em até três lugares de circulação. Sendo o primeiro deles o manuscrito Folheto de Lisboa: Entre Douro e Minho, que tem sua publicação original em Portugal, e tem seus meses disponibilizados pela BND. Segundo dados fornecidos pelo site:

A coleção da Biblioteca Nacional brasileira tem 18 números, numa série que vai de 28 de janeiro até 12 de agosto, do ano de 1741. A sequência é falha, começa no número 4, seguindo até número 11. Continua com os números 13 e 14. Recomeça com os números 19, 20 e, depois, os 23, 24, 26, 27 e 28. A partir daí, uma nova quebra, até que o número 32 encerre a coleção. Um conjunto modesto, considerada a informação de que o periódico circulou de janeiro de 1740 até 1745 e algumas bibliotecas portuguesas possuem coleções completas do periódico. (<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-manuscritos/folheto-de-lisboa-uma-pena-rapida-na-biblioteca-nacional/>)

Vale ressaltar que o manuscrito Folheto de Lisboa não é o único periódico de publicação no exterior disponibilizado pela BND. Os números constantes no gráfico abrangem publicações de diversas cidades de Portugal, França e Inglaterra, por exemplo. O que há de consonante a se extrair dos dados levantados e expostos acima é a amplo crescimento no número de periódicos publicados entre os anos de 1880 e 1900, com destaque para o ápice de número de periódicos nos anos 1880-1889, chegando a 1.586 periódicos disponibilizadas pela BND. Não coincidentemente, é dentre esses anos de relevância que essa pesquisa se aloca. O período aqui recortado para estudo coincide com um momento significativo para a história da imprensa no Brasil. Para evidenciar esse momento, e para justificar nossa escolha de pesquisa, iremos abordar agora os caminhos que levaram a imprensa no Brasil ao seu nascimento, expansão e consolidação.

De imediato, ressalta-se que nesse trabalho assume-se, em consonância com Rüdiger (2003), a designação de jornalismo como “uma prática social componente do processo de formação da chamada opinião pública [...] pode estruturar-se de modo regular nos mais diversos meios de comunicação, da imprensa à televisão.” (p.11)

Vieira (2016) trata do surgimento dos periódicos destacando que apesar das sanções legais e das possíveis punições, eles desempenharam um papel crucial na denúncia e na oposição política no Brasil. Com a retomada das atividades parlamentares em 1826, a liberdade de imprensa tornou-se um tema de debate e controvérsia entre a elite política brasileira. Não havia consenso sobre a questão

dos impressos. Durante o período do Império, várias leis foram promulgadas em relação à liberdade de imprensa. O Código Criminal de 1830, por exemplo, incluiu medidas para coibir abusos cometidos pela imprensa. Ao longo dos anos de 1823 a 1889, pelo menos vinte e cinco decretos, leis e avisos foram emitidos, tratando de maneira direta ou indireta da liberdade de imprensa (Alves, in Vieira, p. 90). Essas leis refletem a tensão existente entre o Estado e os publicistas que utilizavam os periódicos como instrumento de ação política. Assim, segundo a mesma autora:

O fato é que, como destaca Habermas (1984), se por um lado, a imprensa é fundamental para dar 'publicidade', no sentido de trazer à baila, aos assuntos que interessam à sociedade e, portanto, servir para que se possa fomentar a consciência crítica do público; por outro a imprensa serve também para que os agentes históricos façam publicidade de si mesmos e de seus grupos de interesses, com o objetivo de manipular as opiniões. As duas faces da palavra publicidade estão presentes desde o surgimento da imprensa e podem ser notadas nos periódicos oitocentistas. (Vieira, 2016, p. 141)

A citação em destaque no parágrafo coloca em provocação a dualidade da imprensa. Por um lado, ela desempenha um papel fundamental ao revisar questões de interesse público, promovendo a conscientização crítica do público. E, com a divulgação de informações relevantes, a imprensa contribui para a formação de uma sociedade informada e engajada.

Por outro lado, a imprensa também pode ser usada como uma ferramenta para a autopromoção e manipulação de opiniões por parte dos agentes históricos e seus grupos de interesse. Nesse sentido, a palavra "publicidade" adquire duas facetas: a primeira relacionada à divulgação de informações importantes para o público, e a segunda relacionada à promoção de interesses particulares por meio da influência sobre as opiniões públicas.

Essa dualidade da palavra "publicidade" tem sido observada desde os primórdios da imprensa e pode ser percebida nos periódicos do século XIX, que refletiam tanto o papel informativo e crítico quanto a tentativa de influenciar a opinião pública em benefício próprio.

### 3.2 A formação da Gazeta de Notícias

No dia 02 de agosto de 1875 foi publicada a primeira edição da Gazeta de Notícias. Tendo como principal fundador um filho de imigrantes portugueses, Ferreira do Araújo, o jornal aparecia visando noticiar, levar cultura e não sendo um jornal de partido, buscava questões de interesse geral. É importante destacar a escolha de descrever a GN como não sendo um jornal de partido, considerando a análise cronológica que Rüdiger (2003) apresenta sobre o processo social sobre o qual se gestou a prática jornalística, como fenômeno “histórico-universal” (p.15). Nele o autor destaca o histórico da formação do jornal, que passa por um momento em que eventualmente irá atender a motivações políticas.

Assim, o autor apresenta dois conceitos importantes levantados por Sodré (1977) e Weber (1972), em que o primeiro defende que a “história da imprensa é a própria história do desenvolvimento do Capitalismo” (Sodré, 1977 in Rüdiger p. 16), e o segundo que os jornais são produtos do capitalismo, tendo relação histórica com o processo de construção do Estado Moderno. (Weber, 1972 in Rüdiger p. 16).

Aparentemente, o autor concorda que a convergência dos conceitos em Habermas (1962) melhor sustenta a formação da prática jornalística, uma vez que defende que progressivamente a informação virou mercadoria. O autor argumenta que os primeiros jornais surgem, senão com iniciativa própria, com algum patrocínio do Estado, sendo uma maneira de comunicação direta do Governo com a classe letrada. Porém, o resultado disso foi a conscientização da classe burguesa como uma não participante do regime estabelecido, considerando que os mais altos postos eram ocupados pela velha nobreza.

A partir dessa conscientização, o jornalismo acaba se reestruturando e assumindo um formato mais crítico e independente, que contribuiria posteriormente para revoluções burguesas.

A figura da redação surge nesse contexto e os periódicos começam a funcionar em um modelo que atendia cada vez mais à esfera pública e cedendo espaço para discussões importantes para a sociedade civil. Esse modelo serve para o nascimento e desenvolvimento da imprensa brasileira, considerando que o primeiro jornal surgiu sob o patronato do Estado, tendo uma grande interferência e controle dele. Já com a independência, houve algumas produções significativas que tiveram papel nas diversas lutas políticas. O autor conclui:

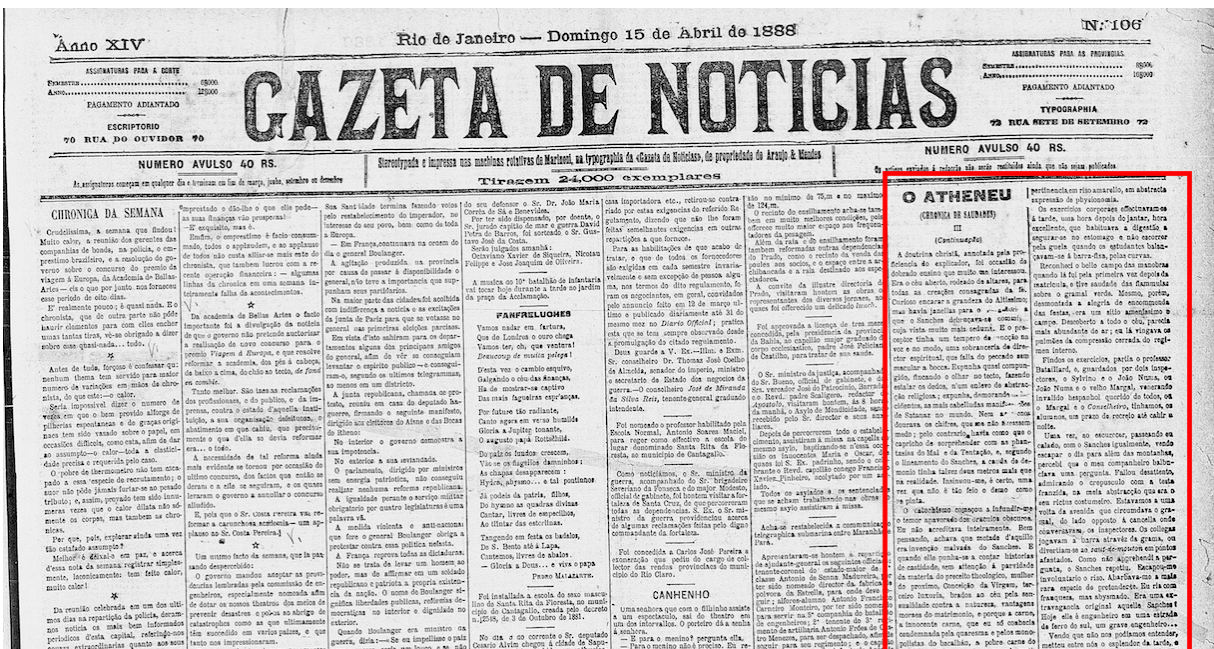
O jornalismo brasileiro se formou dentro desse movimento político, que coincide com o próprio processo de construção do Estado Nacional. Durante esse período, que se estende até meados do século, as forças

políticas descobriram o emprego da imprensa na formação da opinião e os políticos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas; surgiram as primeiras redações e o jornalismo elaborou seu conceito no País. (Rüdiger, 2003, p. 18)

É nesse contexto de formação mais independente que a GN surge. Sodré (1983), ao escrever sobre a criação da Gazeta de Notícias, chama o aparecimento do periódico de "o acontecimento jornalístico de 1874" e destaca que o jornal era barato, popular e liberal. No seu prospecto de publicação, a GN defende que irá ser um jornal de atualidades, apresentando a seus leitores acontecimentos relacionados às artes, literatura e teatro e deixa claro que não é uma folha de partido, e por isso apresentará questões de interesse geral.

No site da Biblioteca Nacional Digital é possível encontrar um artigo que oferece maiores detalhes da criação da GN. Nele vemos que Ferreira de Araújo tinha como companheiros de empreitada os diretores Henrique Ferreira, Elísio Mendes e Emanuel Carneiro. Além disso, o artigo destaca as publicações de autores franceses, a participação dos melhores nomes das letras, a publicação frequente de folhetins, com destaque para o romance *O Ateneu* de Raul Pompeia que apareceu por três meses no ano de 1888 nesse formato na GN com o subtítulo *Chronica da Saudade*. Na figura cinco o exemplar do dia 15 de abril de 1888.

Figura 5 Publicação de O Ateneu - 15/04/1888



Fonte: Retirado do site da BND

O artigo também destaca as participações que levaram a GN figurar entre os maiores veículos da imprensa brasileira, sendo elas de Machado de Assis (de 1884

a 1888, depois de 1892 a 1897), Alúcio Azevedo, Arthur Azevedo, Olavo Bilac (desde 1890), Pardal Mallet (também a partir de 1890), Júlia Lopes de Almeida entre outros. A Figura 6 apresenta a primeira edição da Gazeta de Notícias.



Em geral, as edições do jornal contavam com o seu nome escrito de forma grande e centralizada, seguido de data e local de publicação. O título aparecia em negrito, seguido dos valores da assinatura mensal, trimestral e o valor do número avulso. A edição inaugural conta com cinco colunas longas de assuntos genéricos. A coluna Telegramas contava com participações vindas do estrangeiro por meio de através do então moderno telégrafo. Nessa edição também é possível notar a presença do “Folhetim da Gazeta de Notícias”, modelo que funcionara na França e era importado para as páginas dos periódicos do Brasil, com frequência na parte do rodapé do jornal.

Sobre um dos fundadores do jornal, Sodré (1983) apresenta o saudosismo de Lúcio de Mendonça com relação à figura do criador do periódico carioca:

"A figura de Ferreira de Araújo, tão acentuada e distinta, era absolutamente inconfundível, mal se me destaca, entretanto, no grupo apagado pelo tempo, como velha fotografia... Assim, ainda mal o conhecia quando, poucos anos depois, vi em S. Paulo, o primeiro número da Gazeta de Notícias, de formato modesto e colunas estreitas, mas com o que quer fosse em todo feitio, que já revelava para os do ofício a folha que havia de ficar." (Sodré, 1983, p.224)

Sodré (1983) também atribui ao Dr. Araújo a força da Gazeta de Notícias, que se tornou, ao lado do Jornal do Comércio, o jornal mais lido no Brasil. E destaca que ambos fazem bons negócios por vender suas páginas a anúncios.

Isso ficou evidente ao longo da pesquisa, considerando que as terceiras e quartas páginas das edições, nos dias em que ela contava com quatro páginas no total, eram totalmente dedicadas a anúncios. Isso segue como um padrão, sendo em maioria a metade do total de páginas dedicadas a anúncios. É nas páginas restantes que as publicações com relação à Literatura aparecem.

Ainda sobre a relação da GN e a figura do dr. Araújo, lemos:

A Gazeta de Notícias é muito diferente; sua impassibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o dr. Ferreira de Araujo e nisso está a sua força. O dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade raras; coloco-o nessa elite de brasileiros muito cultos, muito superiores a seus concidadãos. Tem ele temperamento, caráter, espírito elevado, inteligência aberta. [...] Talvez seja o único, em seu jornal e no seu país, a ter uma ideia justa e da verdadeira missão do jornalista, mas sozinho, não conseguirá levar a cabo a tarefa. (Sodré, 1983, p. 253)



A figura do dr. Araujo também teve seu espaço no periódico e publicou crônicas políticas e sociais com o pseudônimo Lulu Senior, como argumentam Asperti (2006) e Brasil (2022):

A primeira ocorrência de uma coluna de crônicas na Gazeta foi localizada já em 1875 com o “Folhetim da Gazeta de Notícias”, coluna diária de nome genérico que abarcava crônicas da atualidade assinadas pelos mais diversos nomes da época: Lulu Sênior (4) [...]

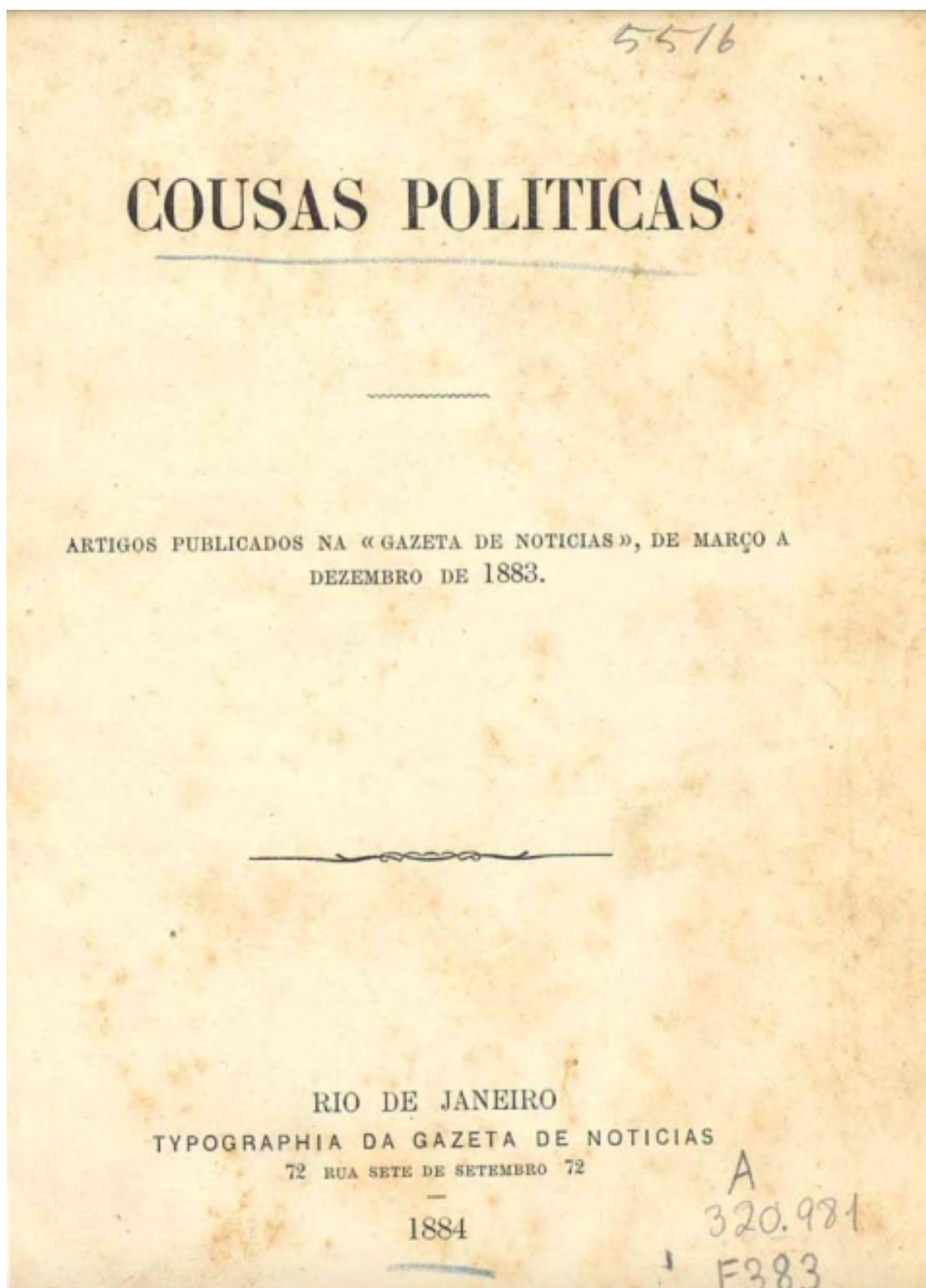
Outra coluna que marca época nas primeiras décadas da Gazeta de Notícias é “Balas de Estalo”, publicada entre 1882 e 1886 diariamente entre a primeira e a segunda página do periódico, que, além da colaboração assídua de Machado de Assis, contava com uma gama imensa de outros escritores, como o sempre presente Lulu Sênior. (Asperti, 2006, p. 50, 51)

No mais, cabe lembrar, ecoando palavras de Werneck Sodré que leremos a seguir, que o próprio Ferreira Araújo era figura arguta: os textos de abertura de cada edição da GN, mistos entre editoriais e artigos de opinião, eram assinados por ele, ou melhor, por seu um tanto cômico heterônimo, “Lulu Senior”, dando o tom geral da publicação. (Brasil, 2022)

Também há registros de Ferreira de Araújo contribuindo para a crônica semanal *Cousas Políticas*, onde escrevia sobre os mais diversos temas, desde a “política imperial, o legislativo e o judiciário, até a liberdade de imprensa, as condições sanitárias”. Assim é apresentada no site do senado legislativo federal a coleção de crônicas do dr. Ferreira de Araújo então publicada entre os meses de março e dezembro do ano de 1883.



Figura 7 Reunião das crônicas Cousas Políticas



Fonte: Site do Senado Legislativo Federal

Já no campo dos avanços da arte gráfica a Gazeta de Notícias também contribuiu significativamente, sendo uma das primeiras no Brasil a instalar em suas oficinas uma impressora rotativa, ainda em 1879. Sobre esse avanço Sodré (1983) explica:

"...a Gazeta de Notícias, que contribuiu para o avanço da arte gráfica, na concorrência já séria entre os diários de maior circulação. Ferreira de Araújo, a 2 de agosto de 1895, escrevia: A Gazeta iniciou, na imprensa do Rio, com o Hastoy, o serviço de zincografia, os bonecos, como o público lhes chama, tendo ainda há pouco tempo, como seus desenhista, um professor da Academia de Belas Artes, Belmiro de Almeida, que lhe forneceu excelentes páginas; o zincógrafo é o Cardoso, por assim dizer um discípulo da Gazeta." (Sodré, 1983, p. 266)

Abaixo, exemplificamos com a exposição de uma das ilustrações de Belmiro de Almeida, a fim de demonstrar como os recursos gráficos da GN foram potencialmente explorados ao longo dos anos. Tal ilustração é encontrada na edição de 10 de janeiro de 1894 e se apresenta como recurso que visa ajudar os leitores a visualizar com mais clareza o monumento dedicado a Tiradentes.

Figura 8 Edição de 10 de janeiro de 1894 - Ilustração de Tiradentes



Fonte: Retirado do site BND.

Logo abaixo da ilustração, lemos:

"Querendo que a Gazeta fosse a primeira a dar do monumento a noticia minuciosa a dar do monumento noticia minuciosa e completa, obtive do notavel esculptor V. Cestari um croquis geral da bellissima obra de arte e uma photographia fidelissima da estatua: fica assim a Gazeta habilitada, graças a isso e a o talento do seu primoroso desenhista Belmiro de Almeida, a dar a seus leitores uma ideia perfeita do que é esse monumento, - o primeiro talvez do Brasil, no genero, como belleza de concepção e sobriedade e perfeição de estylo." (Gazeta de Notícias, 01/01/1894)

Além disso, pioneira nos recursos gráficos, a GN também apresenta as publicações Portrait-charges de políticos e homens de letras, com a série "Caricaturas Instantâneas" (Sodré, 1983, p. 270). No mês de agosto e setembro de 1896 a GN apresenta o anúncio da seção e a apresenta como um estudo dos homens importantes do país. Tais artigos serão escritos por um jornalista que irá se apresentar com o pseudônimo de Juvenal Gavarni e contará com uma ilustração do desenhista Julião Machado. A primeira série busca apresentar figuras políticas importantes, sendo o primeiro artigo intitulado *Prudente e demorado*; o segundo *O grillo*; seguido de *Feito a machado* e outros vinte e quatro títulos.

Abaixo, a reunião de três ilustrações presentes na abertura dos artigos. Constam as edições do dia 31 de agosto, 3 e 13 de setembro de 1896. A Figura 9 apresenta um compilado de três das ilustrações da coluna para uma melhor visualização da exploração de recursos visuais que a GN dispunha.



Figura 9 Compilado das ilustrações das Caricaturas Instantâneas



Fonte: A autora

Já sobre a participação da GN em momentos importantes da História, o trabalho de Vidipó (2016) apresenta grandes contribuições para um maior entendimento de como o periódico se comportou diante de grandes transformações sociais. Sob o título *A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e os Momentos Decisivos*, o artigo apresenta uma análise do comportamento do periódico entre os anos 1888 e 1889 e adiciona-se a esse trabalho reconhecendo seu grande potencial de contribuição.

O primeiro dos eventos em destaque no trabalho de Vidipó (2016) é a abolição da escravatura no Brasil. O autor destaca que em suas colunas o periódico não apresentava sua opinião sobre o tema e até a data que marca a declaração da libertação dos escravos, 13 de maio de 1888, pouco se lê no jornal sobre o trabalho da Confederação Abolicionista, ou "qualquer um dos seus membros mais importante como: João Clapp, Joaquim Nabuco, André Rebouças ou José de Patrocínio." (p. 6).

Vidipó (2016) argumenta em seu trabalho que o jornal não deu um grande destaque para o tema em suas páginas. Ele destaca, porém, que a publicação do

dia da abolição da escravatura traz consigo uma mudança nos padrões de publicação e apresenta uma primeira página moderna.

Vidipó (2016) acrescenta em seu trabalho a citada publicação; assim como, abaixo, coloca-se de forma integral a página que noticia a abolição da escravatura no Brasil.



organizam um grande festejo para comemorar a Lei Áurea. No dia 17 de maio de 1888 foi feita uma missa campal com a presença da Princesa e pequenas festas em toda a cidade nos dias 18 e 19. A Princesa Isabel foi convidada para prestigiar os festejos por uma comissão da "Imprensa Fluminense" liderada por Ferreira de Araújo (Gazeta de Notícias) e Fernando Mendes (Diário de Notícias). Entretanto no dia 14 de maio, em um artigo, o jornal propõe que a abolição da escravidão iria matar a monarquia" (Vidipó, 2015, p. 5)

Por outro lado, artigo constante no site da Biblioteca Nacional Digital, aqui já citado, destaca com bastante ênfase a agenda abolicionista da GN, indicando que esse era o objetivo de Ferreira do Araújo e de outros colaboradores ao fundar o periódico:

De fato, a Gazeta se notabilizou por, em 1879, ser o primeiro do Brasil a instalar uma impressora rotativa em suas oficinas, instaladas já no nº 70 da rua Sete de Setembro. Mas, fora do campo técnico, antes disso, e apesar dos dizeres a respeito de sua isenção em sua edição inaugural, a GN tinha posicionamento e objetivos políticos no momento de sua fundação: "lutar pela abolição da escravatura e pela Proclamação da República", nas palavras de Leal. Ainda assim, bem como outros representantes da imprensa da época, as edições do jornal davam, em seus classificados, anúncios de escravos fugidos. (Brasil, 2022)

Além disso, o artigo destaca a contribuição de José do Patrocínio, Silva Jardim e Quintino Bocaiúva como nomes importantes para a opinião pública que foram trazidos por Ferreira de Araújo justamente para agregar à sua agenda. Porém, o artigo constante no site da Biblioteca Nacional não fez um levantamento de dados assim como Vidipó (2016) e apenas esclarece os objetivos de fundação e de constituição do periódico em sua formação inicial.

Destaca-se aqui a edição especial do 13 maio de 1891, em que a primeira página da GN se dedica a homenagear os heróis da abolição da escravatura. Os nomes que contribuem para o periódico agora têm espaço para falar sobre as grandes figuras da abolição. Diferente das outras seções, nesse dia as seções possuem o título de 13 de maio repetido por sete vezes, tendo as outras seções nomeadas com *José do Patrocínio*, *Heroe* e *A data de hoje*. As seções destacam a importância da data e dão destaque aos nomes que ajudaram em tamanha conquista. Além de apresentar na parte central da edição uma ilustração do retrato de José do Patrocínio.



Figura 11 13 de maio de 1891 - Edição Especial

Top banner for 'A GAZETA DE NOTÍCIAS' with date 'Río de Janeiro - Quarta-feira 13 de Maio de 1891' and issue number 'N. 132'.

NUMERO AVULSO 40 RS. Stereotypo e impressa nas machinas rotativas de Mariani, na typographia da sociedade anonyma 'Gazeta de Noticias'.

13 DE MAIO

13 DE MAIO
De haute a grade associacao de...
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

BAZILIA DOS DOIS

BAZILIA DOS DOIS
A babilonia romana sempre se representava...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
O dia de maio...
Ainda ha de ser...



JOSÉ DO PATROCÍNIO

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

13 DE MAIO

13 DE MAIO
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...

ATRAVÉS

ATRAVÉS
Ainda ha de ser...
Ainda ha de ser...



Além da abolição, Vidipó (2015) apresenta outra data em que o jornal muda sua primeira página, sendo ele no episódio chamado de *A república da Argentina*, em que a manchete é acompanhada de artigos que contam a avançada história da Argentina em sua organização republicana. E destaca os episódios da Revolução Francesa e da Queda da Bastilha, ambos com bastidores de movimentos republicanos, mas que dessa vez contam com gravuras para compor a história: "a gravura era um inovador recurso técnico que o Gazeta de Notícias havia implantado em novembro do ano anterior. Com esse recurso o periódico podia atingir um público não letrado e ser marcante para o letrado." (p. 8)

Como conclusão de seu texto, o autor argumenta que ao se propor como jornal "neutro" a GN acaba ganhando de seu leitor a premissa de imparcialidade, o que permite um direcionamento para aceitação de mudanças no sistema de governo.

Para além do papel social que a GN desempenhou e acima explanou-se, busca-se agora entender como também teve destaque ao ceder espaço para a literatura.

Voltando para o trabalho de Sodré (1983), destaca-se agora o capítulo intitulado *Imprensa e Literatura*, em que o autor explica como e por que os escritores buscaram espaço nos jornais. Segundo ele:

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro se possível. O Jornal do Comercio pagava colaborações entre 30 e 60 mil réis; o Correio da Manhã, a 50. Bilac e Medeiros e Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a Gazeta de Notícias e O País, respectivamente; em 1096, Adolfo Araujo oferecia 400 mil réis por mês a Alphonsus de Guimaraens para ser redator de A Gazeta em S. Paulo. No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume O momento Literário, uma das perguntas era esta: "O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?" A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu, com exatidão: "Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa". (Sodré, 1983, p. 292)

Sobre essa relação do homem de letras e o jornalismo Asperti (2016) também faz a seguinte colocação:

A clara interdependência entre homem de letras e jornalismo é imposta basicamente pelo fato de que, com a consolidação da imprensa no Brasil, o trabalho jornalístico dos literatos representava sua principal fonte de renda, já que a publicação de seus livros em volume não alcançava o grande público e conseqüentemente não gerava proventos dignos aos escritores. Mesmo com a já consolidada relação cooperativa entre os

literatos, bem representada pela Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis ainda em 1897 e pela lei dos direitos autorais nascida em 1898, a vida de escritor sustentado apenas pelos seus livros ainda era uma utopia num Brasil de analfabetos; todavia, o trabalho no jornalismo literário era imprescindível não só para a sobrevivência financeira do poeta como também para a divulgação de seu nome e do seu trabalho ao grande público leitor dos periódicos. Nomes respeitáveis da literatura e do meio cultural nacional desejavam ardentemente as páginas da Gazeta de Notícias; realizaram esse desejo Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Pardal Mallet e José do Patrocínio, dentre outros. (Asperti, 2016, p. 46)

A mesma autora irá fazer um *tour* pela estrutura da GN, que, segundo ela, apesar de profundamente estudada, ainda tem muito o que oferecer. A autora destaca o número grande de anúncios constantes nas edições, o fato de ser alcançável pelas massas por ser vendido de modo avulso, indo na contramão de seus concorrentes que ainda vendiam apenas por assinatura. Destaca também a coluna Publicações a pedido e o grande apelo popular que essa carregava. Ao disponibilizar uma coluna para que a população pudesse expressar pedidos de desculpas, reclamações, uma solicitação ou um auxílio, a GN se tornava um canal acessível para o seu público.

Assim como se confirmou nesta pesquisa, o aparecimento de romances-folhetins é sempre frequente no periódico, chegando a veicular dois romances por edição:

Marca constante de todos os jornais do período era o sempre presente romance-folhetim, publicado nas oito colunas do rodapé do jornal. Especialmente com a Gazeta de Notícias não poderia ser diferente. Diariamente em suas páginas, ora na primeira página, ora no recheio do jornal, sempre estava presente o texto romanceado de ficção de grande apelo popular, que, ao mesmo tempo em que atraía todas as camadas sociais de letrados, servia também como um instrumento ao periódico: caso algum colaborador fixo faltasse com a obrigação de publicar seu texto, lá estava o romance-folhetim para ocupar a lacuna. A Gazeta de Notícias chegou a publicar dois romances seriados por dia. (Asperti, 2016, p. 49)

No *corpus* da pesquisa aqui apresentada essa afirmação mais do que se confirma, considerando que o romance folhetim aparece do primeiro ao último ano de pesquisa.

A crônica também é parte importante da GN já que esse gênero nunca se mostrou ausente no periódico.

Praticamente todos os dias da semana o jornal acolhia uma produção de algum escritor ilustre: Eça de Queirós, Émile Zola, Machado de Assis, Coelho Neto, Guilherme de Azevedo, José do Patrocínio, etc. Mesmo ainda não possuindo o jornal um cronograma fixo de publicação para cada colaborador, ou mesmo que estes estivessem disfarçados sob a máscara

de um pseudônimo, semanalmente distintos escritores compunham textos para a Gazeta de Notícias. (Asperti, 2016, p. 50)

Assim, ao se coletarem os dados de pesquisa, foi possível ler contribuições de Olavo Bilac em formato de folhetim e pequenos contos, além da publicação do Suplemento Literário, projeto de Eça de Queiroz, e contribuições recorrentes de Virgílio Varzea e Guimarães Passos, entre outros.

A GN figurou entre os mais vendidos do país e teve papel indiscutível na formação da imprensa no Brasil. No capítulo a seguir, destacaremos de que forma a GN foi aos poucos, nas palavras de Sodré, “reunindo os melhores elementos das letras e do jornalismo brasileiro”. (p. 269)

#### 4 GAZETA DE NOTÍCIAS: UMA CASA PARA A LITERATURA

A GN era um espaço de discussão, e ficou evidente que a literatura se manifestava nas páginas de forma a expressar a pluralidade e mistura de movimentos literários que o Brasil experimentava naquele momento histórico. Conforme já destacamos, o periódico discutiu, inclusive, o problema em dividir tais movimentos em escolas. A GN também estampava a interessante e, assim chamada, enriquecedora colaboração entre as penas literárias de Brasil e França. No dia 9 de outubro de 1890, lemos uma seção chamada *Convenção Litteraria*, que expressa que graças a esforços do governo francês e brasileiro, há de se firmar uma celebração entre os países e, com isso, um intercâmbio literário. Segundo o autor da seção, o Brasil teria mais de lucrar com tal resolução, tendo em vista que o desenvolvimento de uma literatura está diretamente ligado ao desenvolvimento de um povo que cerca essa literatura.

Ainda sobre o desenvolvimento da literatura, a Gazeta traz uma nota que comemora ao celebrar o proferimento e reconhecimento até então inédito da moderna literatura brasileira. O ato aconteceu em Lisboa, no salão principal da Sociedade Geographia de Lisboa, onde o Dr Valentim Magalhaes proferiu o que foi descrito pelo correspondente do jornal como uma singela conferência que, apesar de não anunciada, atraiu diversos homens importantes das letras e representantes da imprensa.

Ficou evidente durante o levantamento dos dados que a GN não somente anunciava os grandes feitos e colaborações da nossa literatura, mas também oferecia muito do seu espaço para que ela fosse divulgada. Dentro do espaço bastante grande que a GN disponibilizou para a literatura, escolhemos explorar alguns exemplos que julgamos que melhor apresentam contribuições para o desenvolvimento desse trabalho.

##### 4.1 Aluísio de Azevedo e uma série de diálogos possíveis

A começar por 16 de abril de 1890 quando o periódico apresenta um excerto escolhido por Aluísio de Azevedo, retirado do capítulo XI da obra *O Cortiço*, que hoje temos como um grande clássico da literatura Brasileira. Publicado primeiramente no ano de 1890, o excerto escolhido apresenta a personagem Pombinha em um momento único de experiência com a natureza em que a menina e a natureza se entrelaçam, e



Convém destacar que as vezes em que se optou por adicionar a página inteira da edição mencionada, como no caso acima, a intenção é evidenciar proporcionalmente o espaço que a publicação ocupou em relação às outras colunas do jornal.

O espaço dado não se restringiu a excertos do romance. No dia 19 de maio do mesmo ano, lê-se uma seção, que leva o mesmo nome do romance, que busca dar valorização à escrita de Aluísio de Azevedo ao descrever as personagens.

O autor da seção argumenta que o livro parece ter sido escrito não por Aluísio, mas por algum sobrevivente da guerra dos Mascates<sup>3</sup>. E destaca o curioso embate entre Miranda, personagem rico que protestava contra as casinhas que avançavam, e João Romão, personagem rasteiro, teimoso, levantando pedra por pedra uma fortuna que ao final nivela com seu rival. Também destaca a boa capacidade de ver e ouvir de Aluísio e que isso fica evidente no livro, que se torna um estudo, provavelmente exato do cortiço:

Transbordam de vida estas páginas: as lavadeiras com suas tinas, os mascates com suas caixas, as promiscuidades inevitáveis, a germinação constante de novas existências, as palavradas, os mechericos, os pequenos escandalos banaes, os sambas, os batuques, a formação de maltas de capoeiras, emfim todo um lado da sociedade fluminense que até agora tinha sido descurado. (Gazeta de Notícias, 19/05/1890, p. 1)

Por fim, o autor da crítica salienta que o livro de Aluísio não é para qualquer um:

Com todos estes elementos, aos quaes aggregou desenhos de figuram a Machona, o Henrique, Leonor, o Botelho, tantos, tantos, Aluizio fez um livro de grande pujança. Nem todo o mundo o apreciará; há pessoas que logo nas primeiras linhas da segunda página sentirão como o choque de uma pedra contra as rodas do bond. Estes é melhor que ahi mesmo fechem o Cortiço. Mas quem apreciar um estylo seguro, uma acção que, nos meandros em que envereda, vai sempre augmentando, quem estiver convencido que a arte nada tem com a moralidade, leia este livro. Ha de concluir que o Cortiço é um livro vigoroso e Aluizio Azevedo um romancista de pulso. (Gazeta de Notícias, 19/05/1890, p. 01)

Apesar da crítica do dia 19 de maio não conter uma assinatura, nos dias 24 e 26 de maio publicam-se críticas que também levam o nome do romance, mas são enumeradas por II e III, sendo assim possivelmente continuações dessa publicada no dia 19. As duas outras críticas são assinadas por Pardal Mallet, que somente no mesmo

---

<sup>3</sup> Guerra dos Mascates foi um conflito entre 1710 e 1711 que opôs fazendeiros de Olinda e comerciantes de Recife pelo domínio político de Pernambuco. Depois do fim do conflito um sentimento antilusitano se ergueu na região, o que pode justificar a referência do autor da seção.

ano apareceu com frequência nas ocorrências encontradas, na maioria das vezes oferecendo uma escrita crítica.

Na segunda análise de Mallet sobre o romance, o autor aborda a questão de possíveis elementos de plágio presentes na obra de Aluísio Azevedo, ao mesmo tempo em que aponta notáveis semelhanças com *L'Assomoir*, de Emile Zola. Mallet inicia sua análise destacando dois tipos de correspondências identificáveis: aquelas relacionadas aos personagens e aquelas ligadas aos episódios.

No âmbito dos personagens, há a presença marcante de interseções, principalmente entre os personagens de Alexandre, o policial, e Poisson, o sargento. Ambos se enquadram na categoria de comparsas, compartilhando uma característica distintiva notável: a meticulosidade e impecabilidade de vestimenta e linguagem quando fardados, contrastando com um senso de humor mais despojado quando estão sem os uniformes. Similarmente, a figura do velho Libório e de Pere Bru emerge como exemplos contrastantes, habitantes da parte mais degradada da casa, porém sendo convidados a desempenhar papéis específicos – um no jantar de Rita e o outro no jantar de Gervásia. Apesar de não aparecer no artigo da GN, a fim de contextualização, esclarecemos que Pere Bru na verdade é Goujet. Ele se veste de Pierrot e realiza um número cômico para entreter os convidados durante o jantar. Goujet está apaixonado por Gervásia e é conhecido por sua bondade e generosidade. O espetáculo que ele realiza durante o jantar é um momento de leveza e diversão em contraste com muitos dos desafios e dificuldades enfrentados pelos personagens ao longo da história.

No que tange aos episódios compartilhados, conforme descrito por Mallet, identificamos primeiro o conflito entre Rita Bahiana e Piedade, cujos contornos evocam as memórias de Gervásia e Virginia. Seguindo adiante, a cena de Piedade embriagada entregando-se a Pataca, sob o olhar vigilante da filha, traz à mente o episódio semelhante de Gervásia com Lantler, igualmente observada por Nana.

Nesse contexto, a análise de Mallet não apenas joga luz sobre a possível influência ou inspiração de *L'Assomoir* na obra de Aluísio de Azevedo, mas também demonstra a habilidade do autor em reconhecer as interligações entre personagens e situações, enriquecendo assim nossa compreensão das narrativas em questão.

Pardal Mallet então discorre do que se tem a favor de Aluísio para a construção do romance. Segundo ele:

As duas obras quasi estudam o mesmo assumpto. E esse estudo foi feito com identidade de processo crítico. Não é, pois, de estranhar, muito natural parece até que exista entre ellas alguns pontos de contacto. O povo é sempre o

mesmo, aqui ou alli, em qualquer parte. Tem o caracter nú, na inteira exuberancia dos seus instinctos, sem as roupagens, emfim, do convencionalismo. (Pardal Mallet, *Gazeta de Notícias*, 24/05/1890)

Pardal Mallet sustenta que foram feitos empréstimos de *L'Assomoir* e que os pontos em comum, citados acima, nem de longe interferem significativamente no romance, sendo eles personagens dispensáveis, que entram no romance como figura de “encher”. E então considera que Aluísio, se comparado a um pintor, teria dificuldade em fazer o fundo dos quadros e que nesse momento aproveitaria qualquer um a vista no ateliê para se inspirar, o que teria feito com os personagens que tem alguma semelhança com a obra de Zola. Por fim ele argumenta:

O verdadeiro plagio não existe por conseguinte: mas existe o defeito, defeito do romancista, e não do romance, defeito que pôde ser obviado desde que o indique, não a brutalidade de um promotor a formular libellos e pedir condenação dos réus, mas o bom carinho amigo de quem escreve tudo quanto sente e nunca recúa quando se trata de fazer o que há de mais difficil quando se trata de fazer um elogio a um companheiro. (*Gazeta de Notícias*, 24/05/1890)

Já na crítica do dia 26 de maio de 1890, Pardal Mallet busca investigar os motivos que levaram Aluísio, assim como Zola, a escolher a escola chamada por ele de pseudo-naturalismo. Segundo ele:

O desejo e o systema de fazer typos syntheses levou o romancista a esta aberração. Queria pintar o colono portuguez chegado aqui criança e sem vintem e galgando posições, e acabando comendador e visconde. Mas essas transformações fazem-se com o auxilio de um potentado da colonia e com um casamento de bom. A João Romão falta primeiramente augmentar a fortuna, que elle já tem solida e bem encaminhada, é mais um acto de vingança. (*Gazeta de Notícias*, 26/05/1890)

A crítica de Pardal Mallet continua e o autor argumenta que o livro de Aluísio se torna uma obra de propaganda nativista, e de propaganda socialista também, onde vibra toda alma inteira do escritor.

O artigo alimenta uma tese que a obra de Aluísio é um plágio da obra de Zola se baseando nos pontos em comum que ambas as obras possuem. A ver, os personagens, desdobramentos, arcos e conflitos. Essa semelhança é mais naturalmente aceita pelo trabalho de Antônio Candido (1993). Nesse trabalho o autor já reconhece de imediato que é comum o reconhecimento de algumas obras literárias serem constituídas a partir de outras. Essa sobreposição de obras é mais comum do que esperar-se que elas sejam constituídas a partir de experiencias físicas, pessoais ou sociais.



Sobre a acusação de plágio entre as obras *O cortiço* e *L'Assommoir*, de Émile Zola, cabem alguns questionamentos importantes. A obra de Zola, datada de 1876, tem como protagonista a lavadeira Gervásia, que após ser abandonada por Lantier, acaba se envolvendo com Coupeau, que possui tendências ao alcoolismo. No ano de publicação de *O cortiço*, surgiram então questionamentos sobre a possibilidade de plágio por parte do autor brasileiro. Candido (1993) esclarece:

Como *L'Assommoir*, *O Cortiço* narra histórias de trabalhadores pobres, alguns miseráveis, amontoados numa habitação coletiva. Como lá, um elemento central da narrativa é a degradação motivada pela promiscuidade. Lá, agravada pelo álcool; aqui, também pelo sexo e a violência. *O Cortiço* é tematicamente mais variado, porque Aluísio concentrou no mesmo livro uma série de problemas e ousadias que Zola dispersou entre os vários romances da sua obra cíclica. Na sociedade francesa, a diferenciação sendo mais acentuada requeria maior especialização no tratamento literário e quase sugeria ao escritor a divisão de assuntos como núcleos de cada romance: vida política, alto comércio, comércio miúdo, bolsa, burocracia, clero, especulação imobiliária, prostituição, vida militar, lavoura, mineração, ferrovias, alcoolismo etc. Nos países pouco desenvolvidos, como o Brasil, esta especialização equivaleria talvez a uma diluição, e Alencar, tencionando seguir o levantamento de Balzac, resolveu o problema pela variação no tempo e no espaço geográfico, não na complexidade do social. O nosso regionalismo nasceu em parte como fruto da dificuldade de desdobrar a sociedade urbana em tema variado para o romancista. (Candido, 1993, p. 112)

O autor ainda esclarece que Aluísio foi buscar outras fontes para sua obra, e por isso ela pode ser considerada mais abrangente, não deixando de destacar que o texto francês age como uma força criadora, mas com circunstâncias diferentes. No romance de Aluísio a narrativa dos trabalhadores do cortiço está intimamente ligada ao projeto pessoal de João Romão de ganhar dinheiro e subir na vida, o que acaba expondo a relação de explorador e explorado de forma ímpar. Candido (1993) versa sobre as possíveis comparações entre as obras e de forma diferente de Pardal Mallet entende que o texto de Aluísio é um texto segundo na medida em que expõe e trata das mesmas questões, tendo inclusive alguns personagens parecidos, e é um texto primeiro na medida em que filtra esse meio, unindo assim dois procedimentos que garantem o bom funcionamento da escrita.

Já sobre o movimento naturalista, no mesmo trabalho, Candido (1993) oferece observações interessantes sobre a expectativa do movimento e as características da obra de Aluísio:

O leitor d' *O Cortiço* fica duvidando se ele é um romance naturalista verdadeiro, que não deseja ir além da realidade observável, ou se é nutrido por uma espécie de realismo alegórico, segundo o qual as descrições da vida quotidiana contêm implicitamente um outro plano de significado. Lukács diria que isto se dá por causa daquilo, e que o mal do Naturalismo foi não "espelhar" de modo correto a realidade, mas usá-la para chegar a uma visão reificada e

deformadora, que a substitui de maneira indevida e é a alegoria. Não creio que assim seja e registro que a alegoria não ocorre no Naturalismo em geral. Nós não a encontramos, por exemplo, na obra de Verga nem nos romances naturalistas de Eça de Queirós; mas a encontramos sem dúvida nos de Zola, cabeça-de-turco de Lukács, que a partir deles procedeu a uma extrapolação. Talvez por influência de Zola nós a encontramos também nos de Aluísio, sendo em ambos os casos, a meu ver, elemento de força e não de fraqueza. (Candido, 1993, p. 119)

Tornando-se um Brasil em miniatura, *O cortiço* se torna um espaço miscigenado em que brancos e negros se tornam dependentes de um português manipulador, ganhador de dinheiro e em busca de ascensão social. É a primeira vez que essa configuração aparece no Brasil, em que há a coexistência de tipos raciais e, adotando a perspectiva naturalista, é vista como de forma pessimista:

Na composição, o cortiço é o centro de convergência, o *lugar* por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio – físico, social, simbólico, – vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele o romancista estabeleceu outro meio mais amplo, a "natureza brasileira", que desempenha papel essencial, como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica. Aluísio aceita a visão romântico-exótica de uma natureza poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista. Para ele, é como se a nossa fosse incompatível com a ordem e a ponderação dos costumes europeus; e ao cair nessa falácia mesológica, que tanto perturbou naquele tempo a vida intelectual brasileira e a própria definição de uma consciência nacional, ele deixa transparecer o pessimismo, alimentado pelo sentimento de inferioridade com que a sua geração retificou a euforia patriótica dos românticos. (Candido, 1993, p. 120)

Sobre a aproximação da obra com o movimento, Candido (1993) esclarece que por toda ela é possível encontrar a ambiguidade característica daquele tempo. O brasileiro que apesar de aceitar sua terra, também a rejeita, confia, mas também se desespera.

Sob este aspecto o Naturalismo foi um momento exemplar, porque viveu a contradição entre a grandiloquência das aspirações liberais e o fatalismo de teorias então recentes e triunfantes, com base aparentemente científica, que pareciam dar um cunho de inexorável inferioridade às nossas diferenças com relação às culturas matrizes. (Candido, 1993, p. 120)

O mesmo autor destaca que a obra é de auxílio ímpar para a compreensão do Naturalismo, uma vez que o que é narrado no *Cortiço* é feito a partir de um determinismo que dita a relação entre natureza e grupo, sendo o primeiro o meio, e o segundo a raça. A obra evidencia o quanto o meio determina as relações humanas e, naquele grupo são somente subvertidas a partir da força que atua de dentro para fora.

Ou seja, “o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio”. (p.121)

Outro trabalho, dessa vez mais recentemente publicado, que compara as relações entre a obra francesa e a brasileira e, por consequência versa sobre as características naturalistas encontradas nas duas, é tese da autora Monte (2012), pela universidade de Algarve. O título da obra, *O Naturalismo em L’assommoir, De Émile Zola e o Cortiço, de Aluísio Azevedo*, e o resumo apontam para um estudo que visa entender as características do naturalismo presentes nas duas obras.

A começar pelos títulos, a autora destaca que ambos remetem para lugares que eram comuns, mas símbolos de degradação. Um remetendo a imagem de bebida, álcool, perda dos sentidos, comportamento alterado, e o outro remetendo à pobreza, crime, prostituição, proliferados de doenças e sem estrutura. Em ambos, o título se transforma em uma direção do caminho ficcional, em que indica o conteúdo dos romances, são como um convite ao convidam o leitor a “assistir a uma peripécia em que as forças materiais podem destruir a vida dos personagens, ao mesmo tempo que deitam por terra os absolutos morais representados nos romances até ao século XIX.” (p. 33)

Sobre os espaços das narrativas, Monte (2012) identifica que em *L’Assommoir* há uma interação entre o mundo real e o ficcional, considerando que a miséria está presente no meio, no espaço e no tempo histórico da narrativa. Já no *Cortiço* o espaço é bem delimitado, em que o autor exclui aquilo que não acha justificativa no texto e explora as relações a vida das classes menos favorecidas. A classe alta, apesar de não ser retratada, é o que move os personagens, é o objeto de desejo deles. O espaço percorre a evolução do coletivo paralelamente à história de João Romão que visa pertencer a classe burguesa em ascensão, tendo o sobrado de João Miranda como materialização desse lugar de ascensão.

Os dois espaços exploram a natureza circundante, que verdeja debaixo de um sol abrasador, sendo a natureza local vista como um meio determinante e corruptor dos locais, como, por exemplo, no caso de Florinda quando engravida: «no capinzal, debaixo das mangueiras». Esta descrição naturalista do romance permite-nos conhecer a vida das classes desfavorecidas bem como o elenco dos profissionais, e, portanto, do tipo de pessoas ligadas ao cortiço. (Monte, 2012, p. 39)

No cortiço, a alegoria do Brasil do século XIX é facilmente identificável, segundo a mesma autora. À época, imigrantes portugueses buscavam no país uma melhor condição de vida e era nos subúrbios que essa busca por essa riqueza tinha partida.

Delimitado o espaço em que se vai desenrolar a acção, Aluísio Azevedo, tal como Zola, vai apresentar um mundo ficcionado pelos factores hereditariedade, meio, determinismos, expondo e comprovando estas doutrinas científicas através de uma experiência social: a vida num cortiço. Põe a obra ao serviço deste argumento e revela- nos que a mistura de raças, no mesmo meio, determina o homem levando-o a uma promiscuidade de valores e à completa degradação. (Monte, 2012, p. 43)

Além dos trabalhos acima explorados, abaixo adicionamos um quadro com um levantamento nos sites de pesquisas acadêmicas em que são publicados trabalhos de diversas áreas. Para esse levantamento usamos os sites *Google Scholar*, Periódicos Capes e o portal Scielo, com as palavras-chave *O cortiço* e Aluisio de Azevedo para guiar a busca. Também foram definidas como área temática Linguísticas, Letras e Artes e/ou Ciências Humanas e se restringe os resultados aos anos de 2012 a 2022. Fazemos também um recorte de títulos dentre os encontrados. Assim segue:

Quadro 2 Trabalhos relacionados ao O cortiço de Aluísio de Azevedo<sup>4</sup>

(continua)

Plataforma	Scielo	Periódicos Capes	Google Scholar
Resultados	7	25	57
Títulos	Uma leitura econômica de O cortiço, de Aluísio Azevedo. <b>Santos, Vivaldo Andrade dos</b>	O cortiço de Aluísio Azevedo e O retorno de Dulce Maria Cardoso: os espaços dos migrantes <b>Quinteiro, Sílvia Moreno de Jesus e Elicher, Maria Jaqueline</b>	Eugenismo E Sociedade Brasileira Em O Cortiço (1890), De Aluísio De Azevedo. <b>L de Souza Silva</b>

<sup>4</sup> O quadro reproduz exatamente os títulos conforme encontrados e expostos pelas plataformas. Por isso a discrepância na disposição dos nomes dos autores. A função do quadro nesta pesquisa é didática e visual e busca evidenciar trabalhos que abordaram a temática ao longo dos anos e não necessariamente avaliar o conteúdo deles.

Quadro 2 Trabalhos relacionados ao O cortiço de Aluísio de Azevedo

(conclusão)

Plataforma	Scielo	Periódicos Capes	Google Scholar
Resultados	7	25	57
Títulos	Sob o sol tropical: o imigrante português no Rio de Janeiro de Aluísio Azevedo; <b>Figueiredo, Mônica</b>	O universo do trabalho em O Cortiço de Aluísio Azevedo. <b>Fanini, Ângela Maria Rubel</b>	Branco, negros e mulatos: aspectos cientificistas da tipificação racial em O Cortiço (1890), de Aluísio de Azevedo. <b>P.R Siega, A.S Alves</b>
	Materialismo Corticeiro <b>Campos Filho, Lindberg S.</b>	Constituição, literatura e reconhecimento na obra "O cortiço". <b>Nery Simoes, Sandro; Moreira, Nelson Camatta</b>	Criminologia Cultural E Literatura: Uma Análise Criminológica Da Obra "O Cortiço" De Aluísio De Azevedo. <b>C. DA OBRA</b>
	A mulher do garimpo: o romance autobiográfico de Nenê Macaggi em Roraima <b>Mello, Januária.</b>	A Micro-História e a Literatura: Contribuições para Pensar os Sentidos do Texto. <b>Vicente, Marcos Felipe; Chaves, Nataly Pinho</b>	O Cortiço, De Aluísio De Azevedo E Sua Adaptação Para Hq: Uma Proposta Para O Ensino De Literatura E Interpretação De Textos. <b>B.P Branco, NCP Júnior</b>
	Os Incomodados Que Se Mudem: A subjetividade contemporânea de "Os inquilinos", e Sérgio Bianchi <b>Pacheco, Ana Paula</b>	Morrer de pé para não viver de joelhos: o suicídio de Bertoleza em O cortiço, de Aluísio Azevedo. <b>Gonçalves, Emanuel Régis Gomes</b>	O uso de "O Cortiço", De Aluísio De Azevedo, no Ensino De História Do Brasil. <b>A.C.F Brettas, R.H.C. Souza</b>

Fonte: A autora

O objetivo de exemplificar os trabalhos publicados nos últimos dez anos que envolvem a obra em questão é evidenciar como a obra se tornou objeto de estudo nos campos literários e se firmou como um grande clássico nacional, e assim como os números comprovam, há diversas perspectivas para se estudar o romance de Aluísio de Azevedo. Uma dessas perspectivas foi oferecida por Pardal Mallet, que aproveitou do tema para comparar a obra brasileira à francesa e terminou por sustentar que houve

apenas uma inspiração de pano de fundo para o escritor maranhense. Assim, a crítica de Mallet demonstra a potencialidade das fontes primárias enquanto possibilidade de retomar elos com o nosso passado literário. Isso porque a discussão primeiramente levantada por um representante do contexto de publicação da obra encontra ecos em trabalhos publicados contemporaneamente.

Pardal Mallet aparece como autor de diversas críticas na GN, e por isso é importante oferecer um histórico de vida desse escritor. Ele é descrito por Sodré como um dos homens das letras que tornam a GN audaciosa.

Ocupante da cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, o jornalista e romancista nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul, em 9 de dezembro de 1864, e faleceu em Caxambu, MG, em 24 de novembro de 1894. Formou-se em Direito e manteve-se firme em suas participações no jornalismo. Publicou um livro de contos e um romance, *Meu álbum e O hóspede*.

Participou também de movimentos abolicionistas e republicanos. Algumas de suas contribuições para periódicos, além do GN, foram também para A Gazeta da Tarde e para o Diário de Notícias, e alguns de seus conhecidos pseudônimos foram Armand de Saint Victor, Vítor Leal e Souvarine. Teve sua vida rodeada de nomes conhecidos, como Olavo Bilac e Raul Pompeia. O artigo da Academia Brasileira de Letras comenta sobre seus anos finais de vida:

Com Paula Nei, a princípio, e depois com Coelho Neto, Pardal Mallet teve grande êxito no panfleto *O Meio*, publicação periódica de preocupação social, política, literária e artística. A ele se deve a expressão popular “na ponta”, registrada no n. 12 do panfleto: “*O Meio* cada vez mais... na ponta.” Fundou o jornal *O Combate*, saindo o primeiro número em 12 de janeiro de 1892. No artigo de fundo, que lhe serve de programa, Pardal Mallet se declara socialista moderno, científico e construtor. Ali defendeu suas ideias e combateu o governo de Floriano Peixoto, até ser agredido por florianistas exaltados. O governo mandou fechar *O Combate* e Pardal Mallet foi desterrado para Tabatinga (AM). A agressão que sofreu dos florianistas contribuiu para a debilitação de sua saúde. Voltou para o Rio, onde passou breve temporada no palacete da família, seguindo depois para a casa de veraneio em Caxambu (MG), onde ele esperava curar-se da tuberculose, mas lá veio a falecer, antes de completar 30 anos. (ABL, 2022)

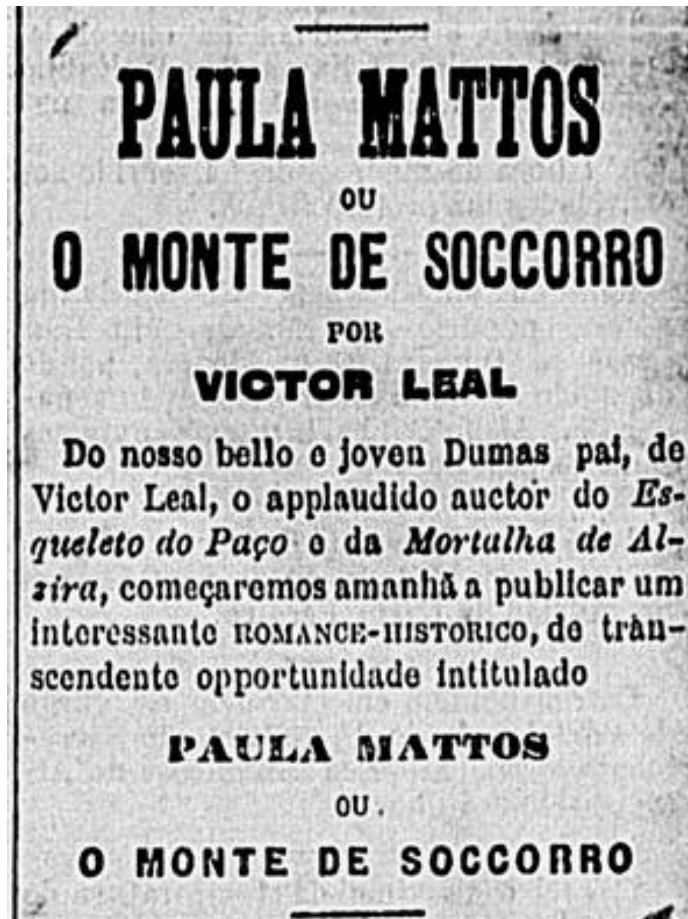
Um exemplo notável dessas colaborações amplas é a obra intitulada *Paula Matos ou O Monte de Socorro*. Este romance reúne a contribuição dos renomados escritores Aluísio Azevedo, Coelho Neto e Olavo Bilac, sendo que este último participou usando o pseudônimo de Victor Leal<sup>5</sup>. A narrativa foi publicada serialmente nas páginas

---

<sup>5</sup> Conforme artigo no *site* da BND Victor Leal é reconhecido como um dos pseudônimos de Olavo Vilac. Ainda segundo o *site*, o poeta parnasiano dividia a autoria desse pseudônimo com o amigo Coelho Neto. No artigo ainda podemos conferir outros nomes que eram usados por Bilac.

do periódico GN como um folhetim. Assim, a GN noticia a publicação da obra no dia 29 de junho de 1891:

Figura 13 Paula Mattos ou O monte de Socorro - 29 de junho de 1891.

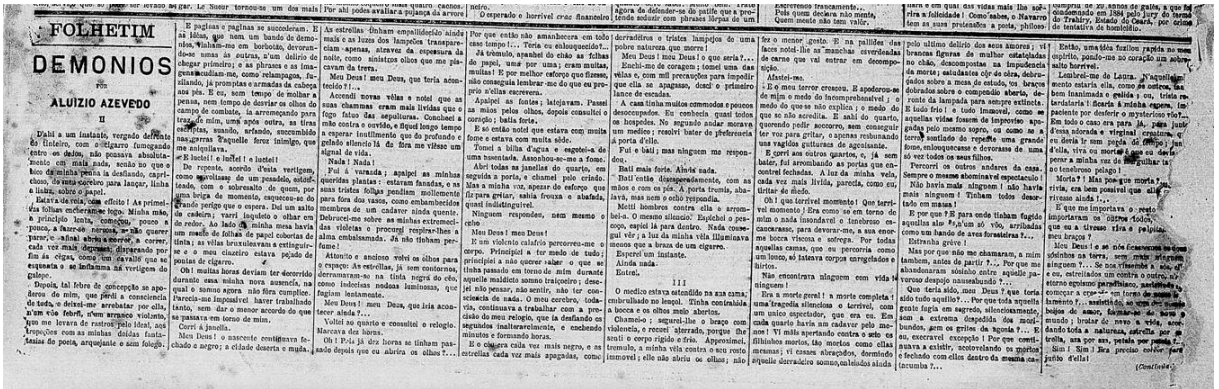


Fonte: Retirado do site BND

A publicação do folhetim inicia no dia 30 de julho de 1891 e se estende até o dia 14 de agosto de 1891, quando tem sua conclusão publicada. Destaca-se aqui que na última publicação do folhetim *Paula Mattos ou O monte de Socorro* a GN já publicava a edição 141 de *O Fagulha*, de Eugene Bonoure, demonstrando assim que o periódico não hesitava em apostar em mais de um folhetim ao mesmo tempo.

Já sobre Aluísio de Azevedo é importante destacar a publicação em forma de folhetim de duas outras obras suas. São elas *Demônios* e *Cadáveres Insefultos*.

Figura 14 Demônios - Folhetim Aluizio de Azevedo



Fonte: Retirado do site BND

Figura 15 Cadáveres Insepultos - Folhetim Aluizio de Azevedo



Fonte: Retirado do site BND



O primeiro tem sua estreia no dia 01 de janeiro e sua conclusão no domingo, dia 11 de janeiro de 1891.

O segundo tem sua estreia no dia 12 de janeiro de 1891 e sua conclusão no dia 15 de janeiro de 1891.

Embora tenham sido inicialmente publicadas como folhetins-romance na GN, hoje em dia, essas duas obras podem ser encontradas como componentes de coleções de contos de Aluísio.<sup>6</sup> Sobre a obra *Demônios*, Piaulino (2020) busca uma nova interpretação e argumenta:

Nesse sentido, buscou-se apresentar uma nova interpretação do conto, na medida em que, diferente da crítica existente, a presença do gótico, do fantástico e do romântico são analisados como meios pelos quais o escritor procurou construir uma literatura fundamentada nos pressupostos estéticos e filosóficos do naturalismo. No que diz respeito ao elemento fantástico, o que em outras interpretações souo como defeitos de narrativa, isto é, sua ambiguidade, revelou-se como recurso literário intencionalmente utilizado para produzir a incerteza no leitor. (Piaulino, 2020, p. 11)

Já no dia 07 de maio de 1891, Aluísio de Azevedo deixa de apresentar obras, passíveis de críticas, e apresenta ele mesmo uma apreciação da obra *Rapshodias*, do romancista, crítico e teatrólogo Coelho Netto. Ao assumir o papel de crítico, Aluísio tem o espaço central da primeira página para discorrer sobre a obra. Aluísio chama os contos de uma “harmoniosa escala de soluços de amor e saudade” e cada um desses soluços tem uma moldura especial, ora de ouro, ora de prata. Sobre os contos ele elenca os sentidos trazidos e fala da dor que tem olhos brejeiros, dos beijos que têm música de acompanhamento, dos ciúmes que são tempestades dentro de uma taça de cristal, da alegria que é rara, do amor que nunca se complica. E resume que o livro de Coelho Netto é concebido desenvolvido dentro do autor e não tem concurso da vida exterior. Vai mais além e argumenta:

O seu forte é a imagem. A sua imaginação sempre de pé, não se faz valer, todavia, pela largueza da concepção, mas sim por pequenas frases poéticas, o que lhe não quebra o mérito. As pequenas moedas de diversos valores reunidas perfazem uma bonita somma. Não há cédulas de grande cifra, mas nem por isso a riqueza é menor. Questão de troco! (Aluísio de Azevedo, Gazeta de Notícias, 07/05/1891)

O fim da crítica é marcado pela posição favorável de Aluísio à obra de Coelho Netto. Ele argumenta que um “imbecil” talvez chegue até o final do livro e não encontre a preciosidade do artista. Porém, um “artista” há de encontrar e regalar das páginas

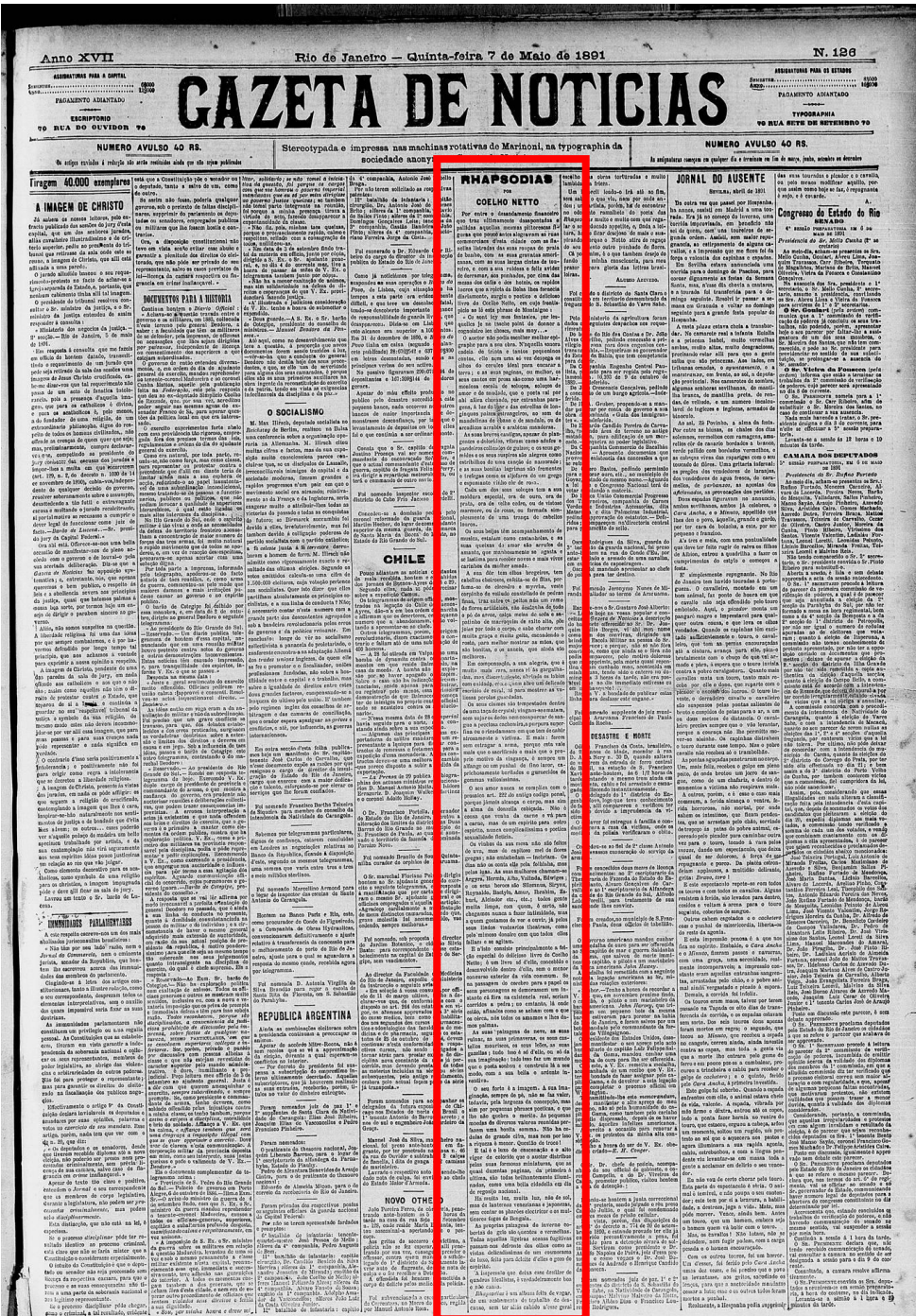
---

<sup>6</sup> Entre as fontes consultadas podemos incluir :<https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:143945&datastreamId=FULL-TEXT.PDF> e <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=129198>

oferecidas por Netto. E expressa o desejo que Netto tire outro punhado de flores de seu talento para o bem das letras brasileiras.

Em resumo, *Rhapsodias*, de Coelho Netto, é uma obra de contos publicada no mesmo ano da crítica que aqui foi explorada. É a primeira obra do autor, que também escreveu teatro, crônicas e contos e foi por muitos anos o escritor mais lido do Brasil.

Figura 16 Edição 04 de maio de 1891- Rhapsodias



Fonte: Retirado do site BND

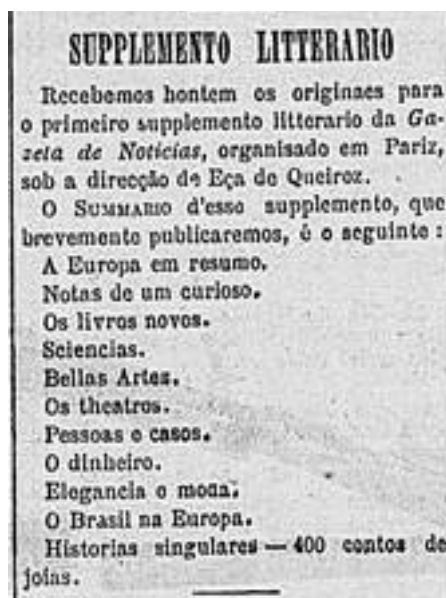
## 4.2 O Suplemento Literário e as correspondências estrangeiras

Outro nome de grande destaque que contribuiu ativamente para a GN foi Eça de Queiroz, o autor português dos romances *O primo Basílio* e *O crime do padre Amaro*. Sobre as contribuições do autor para a GN, Bonilha (2009) esclarece:

Nas páginas do jornal carioca, o escritor desempenha importantes funções dentre as quais, ressalta-se a função equivalente à do atual correspondente estrangeiro. Nesta tarefa, o jornalista, deveria informar os acontecimentos de maior relevância na Europa aos leitores da Gazeta. Por muitos anos, Eça realiza contribuições como colaborador além-mar, pois estava residindo na Inglaterra e, depois, na França. Em decorrência disso, em 1891, surge para Eça uma oportunidade maior dentro da Gazeta de Notícias. Ferreira de Araújo, o diretor do periódico, propõe-lhe a direção de um suplemento literário. Eça ampliaria sua tarefa de correspondente além-mar, pois além de selecionar as principais notícias do Velho Mundo, coordenaria outros escritores que também produziram artigos sobre o contexto europeu. (Bonilha, 2009, p. 12)

Essa oportunidade dada para Eça por Ferreira de Araújo contaria com informações do cotidiano europeu, novidades literárias e científicas. Na sexta-feira, 8 de janeiro de 1892, lê-se o anúncio do boletim da primeira publicação do chamado *Suplemento Litterário*.

Figura 17 08 de janeiro de 1892 - Boletim Suplemento Literário



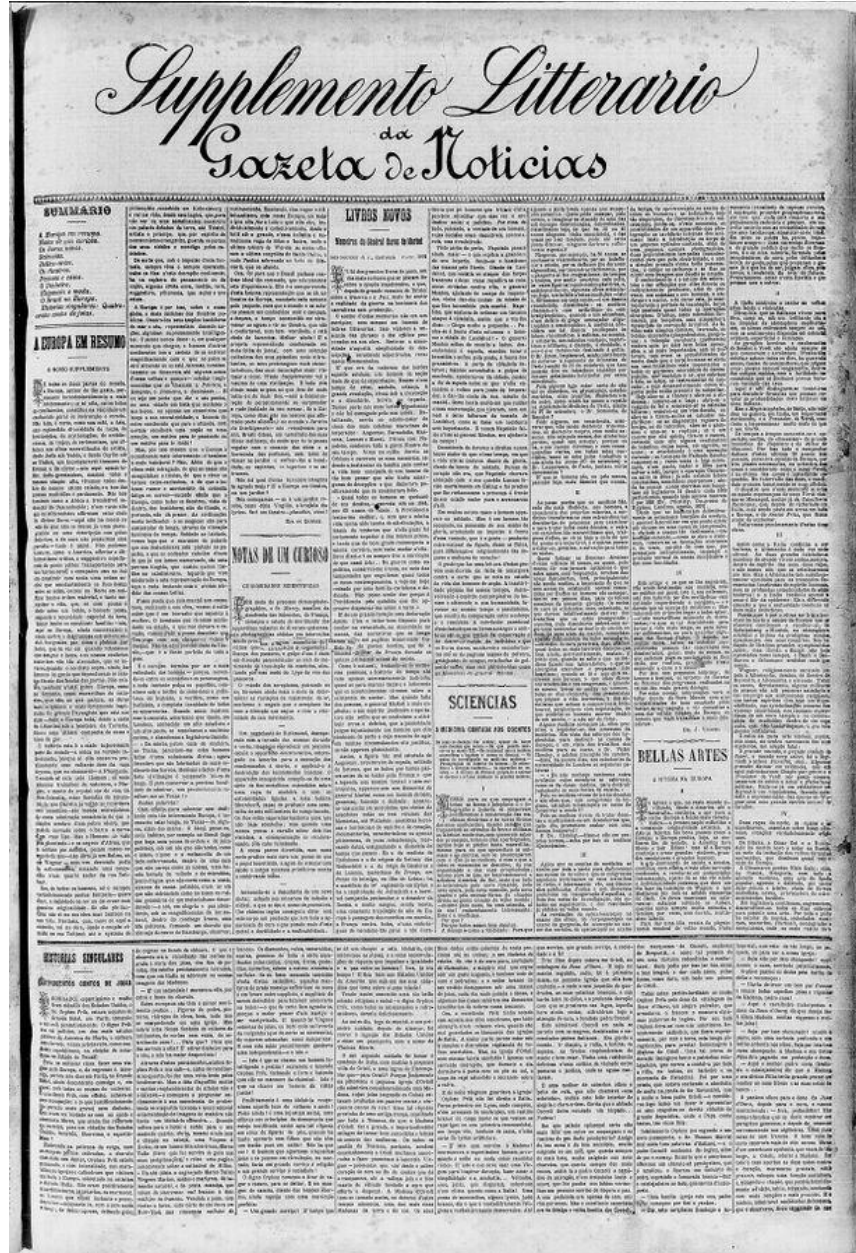
Fonte: Retirado do site da BND

O boletim apresentava o sumário da primeira publicação, que contaria com os seguintes tópicos: A Europa em Resumo; Notas de um curioso; Livros novos; Ciências; Bellas Artes; Os theatros; Pessoas e casos; O dinheiro; Elegância e moda; O Brasil na Europa; Histórias Singulares - 400 contos de Jóias.



Dez dias após a publicação do sumário encontra-se a primeira edição do suplemento, no dia 18 de janeiro de 1892.

Figura 18 18 de janeiro de 1892 – 1º edição do Suplemento Litterário



Fonte: Retirado do site BND

Bonilha (2009) dedica seu trabalho à compreensão aprofundada de como o projeto literário de Eça de Queiroz aconteceu dentro da GN. Ao discorrer sobre a descrição do projeto, a autora aponta a estrutura física como um elemento de destaque. O suplemento aparecia de forma estritamente textual, contava com notícias, crônicas e notas e excluía a publicação de charges, ilustrações e anúncios comerciais. A autora

destaca também o uso de fontes diferentes para descrever o título, que aparece em itálico, ao passo que *Gazeta de Notícias* permanece sem esse destaque.

Como aparece no trabalho de Bonilha (2009) e como também se confirmou no levantamento de dados desse trabalho, as edições posteriores do suplemento literário foram nos dias 8 e 29 de fevereiro, 21 de março, 26 de abril e 13 de junho, todos no ano de 1892. A autora destaca que a tentativa de Eça foi de criar um informativo cultural variado que fosse algo a mais do que um mero veículo literário. Por isso, o autor português reunia informações de jornais e revistas da época para que integrassem o suplemento:

Assim, uma vez que o conteúdo do Suplemento Literário dividia-se entre as diversas áreas de conhecimento que se poderia ter, fossem científicas, culturais artísticas ou literárias, pode-se dizer que é válido considerá-lo um informativo cultural ou de variedades, e, também de um informativo literário, pois conseguia de forma equilibrada informar sobre todos estes campos. (Bonilha, 2009, p. 51)

A autora também enfatiza que a formação do Suplemento era maleável, podendo este ser ajustado de acordo com a necessidade e vontade do diretor. Essa maleabilidade era encontrada tanto no conteúdo dos textos como também na questão formal do Suplemento. Exceção a isso são os textos do próprio Eça de Queiroz, que se mantiveram durante as seis edições do Suplemento e apareceram logo abaixo do sumário.

Como diretor do Suplemento, Eça ditava inclusive quão longos os textos seriam. Bonilha (2009) apresenta dois exemplos em que isso acontece, ambos coletados na primeira edição do SL. O primeiro deles na seção *Os teatros*, em que o autor comenta que "como este artigo já está muito estirado e o Eça de Queiroz quer o suplemento muito variado, não posso desenvolver o caso"; e o segundo na seção intitulada *O dinheiro*, em que o autor comenta que "doze tiras sobre dinheiro é muito papel", segundo o diretor do Suplemento. Ambos os exemplos evidenciam a condução íntima do projeto por Eça de Queiroz, além de esclarecer como o diretor não gostaria de tornar o projeto uma série de textos longos e possivelmente enfadonhos.

Por fim, sobre o conteúdo do SL, Bonilha (2009) esclarece:

Assim, uma vez que o conteúdo do Suplemento Literário dividia-se entre as diversas áreas de conhecimento que se poderia ter, fossem científicas, culturais artísticas ou literárias, pode-se dizer que é válido considerá-lo um informativo cultural ou de variedades, e, também de um informativo literário, pois conseguia de forma equilibrada informar sobre todos estes campos. (Bonilha, 2009, p. 51)

Após evidenciar as seções e textos que integraram as seis edições do suplemento, a autora busca observar com maior profundidade o conteúdo deles.

Sobre a seção *Livros Novos*, a autora destaca que estando presente do primeiro ao quinto número, a seção apresentava os livros em evidência para que os leitores tivessem facilidade em escolher suas próximas obras. Destaca também algumas passagens presentes na seção que tratavam da falta de interesse pela leitura de livros clássicos, o surgimento de livros não-literários e o surgimento de obras que visavam apenas identificação com o público e não mais um formato literário. A autora conclui:

Conclui-se, dessa forma, que “Livros Novos” é uma seção bastante completa, pois ao mesmo tempo informa e traz o posicionamento do autor frente a fatos a ela associados, como a diminuição da leitura dos livros. Além disso, por meio desta seção pode-se perceber como era o panorama literário do período, pois além dos livros mais importantes, a seção destaca os costumes que determinadas nações tinham em relação à leitura, fatos históricos que influenciavam na postura em relação a este tipo de arte e evidencia ainda como a renovação da imprensa modificava o hábito de ler. (Bonilha, 2009, p. 90)

Outro relato importante sobre o SL é a apresentação da recorrente relação de Eça de Queiroz e de Domício da Gama, que no Suplemento se tornou mais evidente. Segundo ela, a contribuição de Domício para o Suplemento agregava demasiada importância, tendo em vista que:

Durante sua vida, Domício dedicou-se ao estudo de Literatura e Geografia, tornando-se especialista nas duas áreas. Isso possibilitou que tivesse uma carreira de sucesso, inclusive em jornais como a *Gazeta de Notícias*, no qual exerceu, assim como Eça de Queirós, a função de colaborador. Foi ainda membro integrante do Sindicato da Imprensa Estrangeira, atuando com brilho durante a célebre Exposição de Paris, no ano de 1889. Sua origem humilde não o impediu de alcançar postos de suma importância na época, dado seu esforço e sua inteligência. Chegou a ser ainda grande amigo e auxiliar do famoso jornalista e então diretor da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo. Sua presença no Suplemento Literário certamente agregava credibilidade ao informativo, tendo em vista que Domício já era conhecido pelo leitor brasileiro por seu trabalho em periódicos como o que se citou anteriormente. (Bonilha, 2009, p. 82)

Sobre Domício da Gama, podemos encontrar outras contribuições do autor para a GN. Domício da Gama também foi correspondente internacional para a *Gazeta de Notícias*. O autor foi amigo íntimo de figuras importantes da literatura, como Machado de Assis e Raul Pompeia. Sua contribuição para o periódico começa em 1888, quando passa a representar o jornal carioca em Paris. Não coincidentemente, no ano seguinte Paris é considerada capital do mundo por ter para ela suas atenções voltadas em

função das comemorações do centenário da Revolução Francesa. Por isso, segundo Sereza:

A cobertura de Domício desses anos mostra, sobre o papel do correspondente, que ele não é apenas um transmissor da cultura e das notícias de um país para o outro. Longe de ser um tradutor cultural “apenas”, o correspondente é um ressignificador do próprio país. (Sereza, in Sandanello, 2020, p. 7)

A cobertura direto de Paris resultou em uma coluna publicada entre os anos 1888 e 1893 pela GN e que recentemente teve seus textos compilados por Sandanello no livro que tem o mesmo nome da coluna então publicada: *De Paris: Domício da Gama*, cuja apresentação garante a preciosidade de tal compilação da coluna ao garantir:

Para além do interesse literário, temos o interesse histórico, o que faz dessa preciosidade também um documento: para os jornalistas, porque consolida o trabalho de anos de um longo correspondente internacional do talvez mais influente periódico brasileiro do final do século XIX; para os críticos e professores de literatura, por expandir enormemente a produção publicada em livro de um respeitado escritor da época, que só cuidou de lançar dois livros de contos, *Contos a meia tinta* (1891) e *Histórias curtas* (1901), sendo o segundo uma reedição modificada e ampliada do primeiro; preciosidade também para historiadores, que encontram aqui reunidas uma série de informações e impressões colhidas a quente na e sobre a Europa de 1888 a 1893, época da Exposição Universal de Paris e da Proclamação da República no Brasil; e, finalmente, este livro resgata um período de formação de um dos mais influentes diplomatas brasileiros no início do século XX, quando, profissionalmente, Domício trocava a vida de jornalista e escritor pela representação oficial do país, atuando como embaixador em Washington, nos Estados Unidos, entre 1911 e 1918, sucedendo Joaquim Nabuco, por escolha do Barão do Rio Branco, e depois, entre 1920 e 1925, em Londres, e alcançando, ainda que brevemente, em 1918-1919, o posto de chanceler durante o governo de Epitácio Pessoa. (Sereza, in Sandanello, 2020, p. 7)

Destaca-se aqui a crônica do dia 20 de junho de 1892, que tem como sua apresentação a semana política, *A conspiração Freycinet e Constans contra Carnot*, o processo Bardean, Zola e Florian e *Lá Débâcle*. Depois de discorrer sobre os tais assuntos apresentados, ele finaliza a crônica com um comentário sobre a obra de Emile Zola, que um mês e cinco dias mais tarde apareceria na primeira página da GN com mais aprofundamento. Na crônica ele comenta:

O presidente de honra dos felibres este ano foi Emílio Zola. Foi ao jantar que ele saudou, na pessoa de Florian e no poético costume do fêlibrige, a alegria e a ternura. Contou histórias, citou trechos dos seus *Contos à Ninon*, explicou-se poeta e sentimental, atirou para as costas o alforge das misérias naturalistas, para sorrir à Ninon dos seus dezesseis anos, à que o esperaria, poeta envelhecido, para continuar-lhe o sonho dos amores claros e calmos, nos campos encantados em que se amaram Estela e Nemorino. Enquanto isso, lança-se por esse mundo afora, nos porões dos vapores, arrastado pelas locomotivas, para alastrar-se pelos quatro cantos da terra o seu novo livro de ódio e de sombra, *La débâcle*, um grosso, formidável volume de 636 páginas

de 35 linhas cerradas, a obra do ano do prodigioso operário em letras. Pessimista e félibrige – arranque isto. (Domício da Gama, Gazeta de Notícias, 20/06/1892)

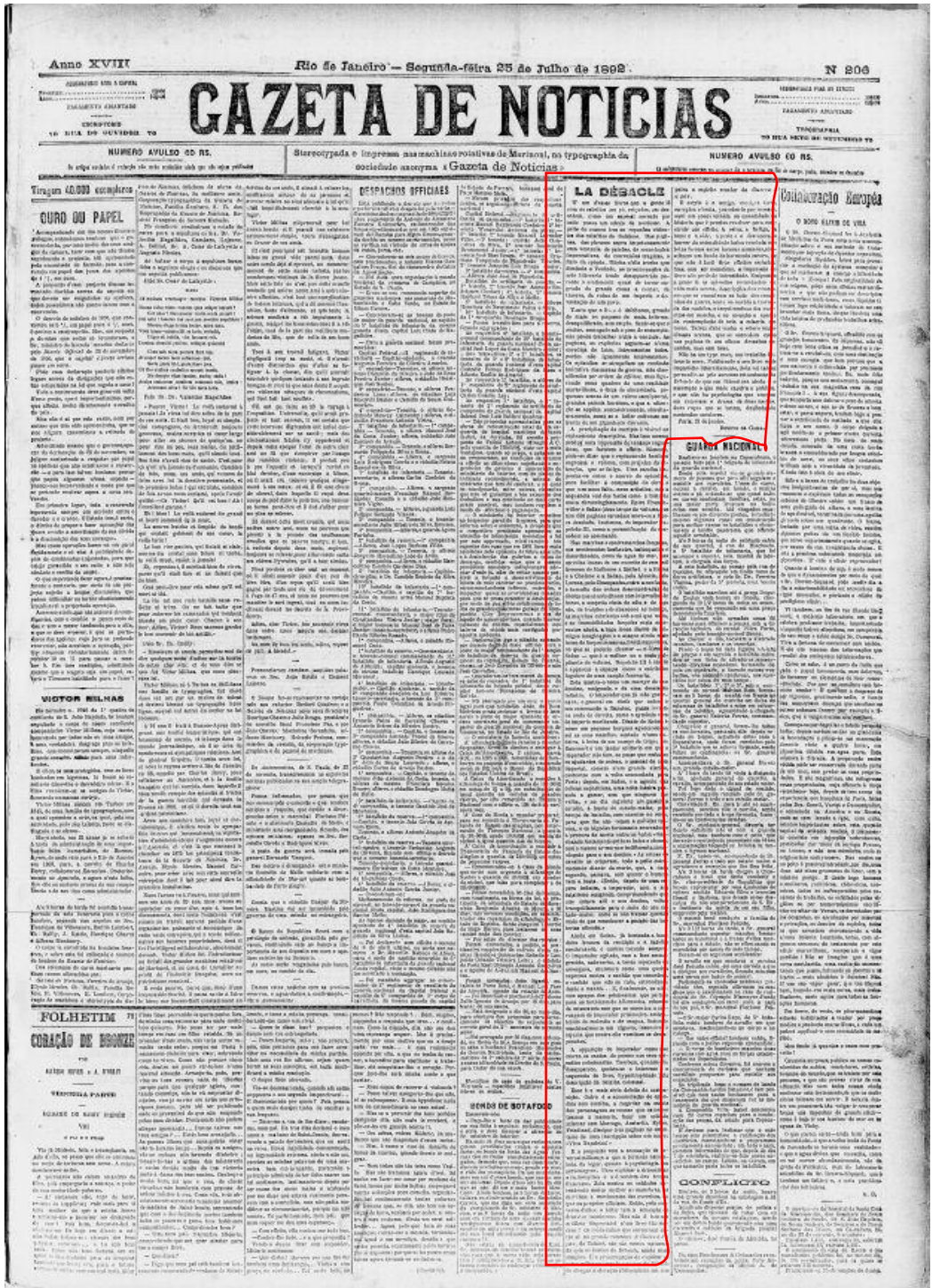
Já no próximo mês, lê-se uma seção que leva o nome *La Débâcle* e é assinada também por Domício da Gama. Nela, o autor vai mais a fundo em suas críticas à obra de Zola e começa dizendo que esse novo livro é "um desses livros que a gente lê com os cabelos em pé, ariçados, em desordem como um sapeçal cerrado por onde passa um rebojo de nordeste."(p. 01) Sobre as escolhas para a narrativa, Domício Gama argumenta:

A aparição do imperador como que marca os cantos do poema nos seus episodios culminantes. Tambem, quando elle desaparece, quebra-se o interesse a sequencia do livro; hypertrofiado pela descrição da batalha colossal. Esse é o mais sério defeito da composição. Outro é a accumulção de episodios sem escolha, a recordar na mente dos personagens as cousas que os nomes trazem à memória, fazer um soldado csismar com Marengo, Austeriliz, Eylau, Friedland, dissipar tres paginas no ementario de uma inscrpção sobre um muro: Viva Napoleão"(Domício da Gama, Gazeta de Notícias, 25/07/1892)

Por fim, a crítica termina afirmando que *La Débâcle* talvez seja o livro mais imperfeito literariamente e seu sucesso deverá ser em função da literatura ainda ser o assunto que mais cativa o público, ainda mais se tratando de um drama sobre duas nações, duas raças que se batem e deslindam contendias seculares.



Figura 19 Domicio da Gama - 25 de julho de 1892



Fonte: Retirado do site BND.

Outra crítica de Domicio da Gama que aqui ganha destaque é a publicada no dia 28 de junho de 1892. Intitulada *Os simples*, ela trata do livro de poesia lírica de Guerra Junqueiro homônimo à seção. Assim como na crítica anterior, Domicio inaugura seu texto com uma frase taxativa sobre sua impressão sobre a leitura e afirma:

E o livro novo, o maravilhoso livro de Guerra Junqueiro. N'uma nota final que é datada de 14 de maio último, diz o poeta que o seu livro só agora dado ao publico, é já de ha muito conhecido entre homens de letras e poetas. Felizes os que frequentam as rodas em que se mostra o maior dos lyricos peninsulares! (Domicio da Gama, Gazeta de Notícias, 28/06/1892)

O autor salienta alguns excertos de poemas que buscam demonstrar o quão bem o autor da obra conseguiu filosofar sobre as emoções. Finaliza a crítica argumentando que ao terminar o livro é possível sentir que se gozou de uma obra rara, de arte ingentemente portuguesa.

O trabalho intitulado *Os simples, de Guerra Junqueiro, e a imprensa carioca de Junior* (2020) busca reunir a repercussão da obra na imprensa carioca. Logo no início do trabalho, o autor elenca algumas das publicações envolvendo a obra portuguesa que circularam nos periódicos, e entre esses destaques está a crítica de Domício da Gama. Segundo o autor, a crítica de Gama confere à obra o seguinte:

Domício da Gama discutiu também as pretensões totalizantes de Junqueiro, que assegurava ter alcançado “do universo uma ideia metódica e definitiva” e pretendeu escrever, apesar da aparência bucólica do livro, uma “autobiografia psicológica”. O cronista não levou a sério tais pretensões, que, para ele, se desvaneciam diante da emoção suscitada pelos versos: “Não há sistema, não há símbolo, não há metafísica que nos desfaça a emoção pura dos versos puríssimos e simples” (GAMA, 1892, p. 1). Dessa forma, o cronista deslocava para um segundo plano as pretensões totalizantes que Junqueiro evidenciou na nota final do livro. (Junior, 2020 p. 105)

Por fim, foi de grande destaque a participação de Domício como colaborador da GN. Desde suas crônicas direto de Paris, por suas críticas literárias, ou ainda por sua contribuição no *Suplemento Literário*, o autor se mostrou um coringa na escrita literária e cultural do periódico. Assim como Pardal Mallet, Domício da Gama também é ocupante de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, a de número 33. É descrito no site da academia como jornalista, diplomata, contista e cronista. É nascido em Maricá, no Rio de Janeiro, no ano de 1862, e faleceu no ano de 1925 na capital do mesmo estado. Teve missões especiais no estrangeiro como embaixador e diplomata, ministro de Relações Exteriores e foi presidente da Academia Brasileira de Letras substituindo Rui Barbosa, além de ter sido um dos fundadores dela.

#### 4.3 Uma cadeira não dada

Outro nome que aparece com contribuições constantes a GN é o de Julia Lopes de Almeida. É possível encontrar ocorrências assinadas pela autora dos anos de 1890

a 1897, em sua maioria contos. Segundo a autora Patrícia Freire do Nascimento a autora Julia Lopes de Almeida figura entre um dos nomes que sofreram injustiça por não poder integrar, ao contrário da maioria dos escritores apresentados, uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, apesar de ter participado de diversas reuniões que ajudaram a fundar a academia.

A cadeira número três, que deveria ser da autora, foi concedida ao seu marido, já que seguindo o modelo francês de academias literárias a academia não aceitava mulheres. Somente em 1977 a ABL passou a aceitar mulheres, tendo Rachel de Queiroz como primeira integrante.

A autora é uma grande crítica da situação social do Brasil e demonstrava isso em seus romances, contos, crônicas, ensaios e peças. Ela inseria em seus textos representações femininas e apresentava discussões relevantes que apontavam a diferença de tratamento na sociedade.

Sobre as ocorrências na GN, no ano de 1895, entre os meses de fevereiro e maio, publicam-se anúncios da futura colaboração com a distinta Julia Lopes de Almeida, que irá disponibilizar seu romance *A viúva Simões*. No dia 04 de abril de 1895, a primeira página estampa o excerto do romance logo à sua esquerda, conforme a figura 19.

A publicação do romance se estende por dois anos, conforme se confirma na nota publicada no dia 01 de dezembro de 1897, que afirma que a colaboração vem sendo publicada por esse período. Na mesma nota lemos que a escritora portuguesa Guiomar Torresão deu seu parecer sobre a obra e afirmou ter lido em uma sentada:

Quase todos os romances portugueses que acertam minha mesa de trabalho, deixam-me uma vaga sensação de desconsolo e incompleto, ante a qual o meu espirito se retaha, evadindo-se á identificação indispensável a este gênero de leitura. Uns, mordidos pelo prurido da evolução moderna, falseiam a naturalidade e atendem apenas á exteriorização do stylo. Ainda outros, curando somente de captivar pelo enredo, desprezam a forma e deixam a idea vestida de remendos, como uma mendiga que vive de esmolas. Sem a menor preocupação da escola, inspirando-se, apenas na escola da verdade, assimilando um mundo exterior e escutando a sua própria alma, observando o modelo e reproduzindo-o no quadro com a perfeita noção de cor, dos planos e tonalidades, é assim que Julia Lopes Medeiros escreve seus admiráveis romances. [...] A viúva Simões, em plano menos superior, é todavia um adorável romance de meias tintas, impregnado de cor local, onde a vida fluminense se nos patenteia nitidamente estenografada, por modo a ficarmos conhecendo o Rio de Janeiro, a sua sociedade, e idiosyncrasia em cada uma dessas páginas documentas e vibrantes de observação. (Guiomar Torresão, Gazeta de Notícias, 1897 p. 02)

Torresão conclui que o romance naturalista não possui quase um enredo, mas seu valor reside na sutil análise de uma alma de mulher lançada no conflito da



existência, além de destacar que o inconfundível encanto da obra está nos tons descritivos e primorosos adotados. Finaliza a crítica saudando a autora de *A viúva Simões* e *Família Medeiros* e deseja “uma glória da terra que lhe foi berço e do sexo a que pertence.” (p.2)

Figura 20 Edição de 04/04/1895 - Viúva Simões



Fonte: Retirado site BND

Guiomar Torresão é descrita como uma das poucas escritoras que puderam viver das letras. O trabalho de Barp e Zinani (2019) apresenta o perfil dessa escritora e análise sua participação na revista *A mensageira*, que era dedica à mulher brasileira. Segundo os autores, Torresão tinha acesso a diversos escritores, incluindo grandes nomes da Literatura Portuguesa, como Camilo Castelo Branco. No trabalho também podemos ler que Torresão era tradutora, crítica teatral e literária. Além de ter seus textos publicados por outros periódicos como *O País*, do Rio de Janeiro; *Diário Popular*, de São Paulo; *A Ilustração Portuguesa*, de Lisboa. Essa figura ilustre argumenta na crítica apresentada sua valoração sobre o trabalho de Júlia Lopes de Almeida.

Outra obra da autora Júlia Lopes de Almeida que também teve destaque é o romance *Família Medeiros*, que foi alvo de uma crítica dividida em duas partes, publicadas nos dias 23 e 24 de setembro de 1896.

Assinada por Magalhães de Azevedo, a crítica apresenta a obra como uma releitura agradável e salutar para seu organismo que se recuperava de uma

enfermidade. O autor da crítica comenta que os caminhos e as escolhas que tal enfermidade o levou trouxeram efeitos distintos para a sua existência humana e depois de passar por isso nada mais agradável que encontrar uma boa leitura à sua espera. Além disso, ele comenta que os caminhos que o levaram em direção à obra são os caminhos da saudade do Brasil, das montanhas, do mar e tomado por uma melancolia nostálgica se viu lendo o livro Família Medeiros.

O autor se coloca na narrativa ao se imaginar encontrando os personagens e os trata de perto. Na primeira parte da crítica o autor também comenta a semelhança de Julia Lopes com o autor português Julio Diniz, pois ambos possuem a mesma preferência por paisagens claras e tranquilas e optam pela ternura caseira, que é a marca dos romances familiares. Sobre os personagens da obra ele comenta:

Por isso há ahi typos physicos e moraes admiravelmente desenhados alguns em meia dúzia de traços rápidos, mas com tanto relevo, que instinctivamente a imaginação os evoca como figuras já vistas na realidade. Quase todos, como é de se supor, dado o ambiente em que ação se desenvolve, pertencem, pelas ideias, pelos sentimentos, pelos gestos, em summa, pelo mode de ser, a média da humanidade, dous ou três estão mesmo abaixo d'ella e aproximam-se mais da animalidade pura, pela fereza ou pela estupidez. (Magalhães de Azevedo, Gazeta de Noticias, 23/09/1895)

Na segunda parte da crítica, Magalhães de Azevedo aponta que Família Medeiros apresenta uma escritora que entende o mundo exterior e nas suas descrições consegue ver e reproduzir o conjunto do que observa. Após citar alguns exemplos contidos no romance que comprovam essa facilidade de repassar o que observa para as páginas de sua escrita, ele se deixa perguntar: qual o defeito da obra?

E termina afirmando que os defeitos são pequenos e veniais, sendo eles apenas algumas impropriedades de expressões, frouxidão de diálogos que nada alteram a impressão final da obra. Magalhães de Azevedo assina a crítica a partir de Mondevideú, com a data de envio no mês de junho de 1895.

#### 4.4 Os folhetins

Em comum aos anos de pesquisa houve o aparecimento e a constância dos chamados folhetins. Surgido originalmente na França, esse gênero se expandiu para diversas partes do mundo:

Do ponto de vista do surgimento desse gênero (textual e editorial), sabemos que o folhetim aparece nas páginas dos jornais franceses no século XIX quando o proprietário do jornal La Presse, Émile de Girardin, junta-se a Dutacq, do jornal Le Siecle, para lançarem na parte inferior da página ou seja, no rodapé

de seus periódicos, textos de ficção curtos, ou textos de ficção mais extensos divididos em partes. O objetivo comum desses editores em inserir essa nova seção na publicação dos jornais franceses era o de manter a fidelidade das assinaturas de seus leitores tradicionais e de ampliar a recepção do jornal até então circunscrita às camadas mais abastadas da população num período em que se amplia a urbanização da população e o acesso à alfabetização. (Garcia, 2014, p. 108)

No Brasil, a autora supracitada esclarece que a moda folhetinesca de publicação não atinge o mesmo apogeu como na França, onde desde operários até a classe mais abastada leem e releem esse gênero. Ainda assim, quase todos os jornais, desde as províncias até as capitais, publicam o romance nos rodapés de suas edições. O folhetim funcionava como um teste em que uma posterior publicação em volumes dependeria do sucesso obtido na publicação primeiramente naquele formato.

Na pesquisa aqui apresentada, o aparecimento do folhetim se mantém desde o primeiro até o último ano. A GN não hesitava inclusive de publicar mais de um folhetim em uma mesma edição, a ver alguns exemplos:

*Coração de Bronze*, de Alfredo Siver e A. Dórsey, e *Passageira*, de Jules Bonnetan, ambos vinculados em setembro de 1892.

*O Dedo de Deus de Xavier*, de Montepin, e *A gruta de amor*, de H. Demesse, encontrados ao mesmo tempo nas edições dos meses de julho e agosto de 1893.

*O crime de Orcival*, de Emilio Aboriau, e *Sanatoryium*, de Jayme D'Athayde, no ano de 1894.

A organização dos folhetins na GN seguia, de modo geral, as regras próprias desse gênero, fundamentais para que ele fosse bem-sucedido. Os capítulos eram precisamente interrompidos para que o leitor ansiosa e curiosamente aguardasse a próxima edição do jornal, o que levava muitos leitores a manterem sua assinatura do periódico onde tal folhetim era vinculado. Os folhetins também apresentavam uma organização editorial em que se esclarecia se o capítulo em questão pertencia a primeira, segunda, terceira parte. Assim como terminava sempre com *continua* ou então *fim da primeira parte* para que o leitor se organizasse dentro do texto e soubesse que ainda há mais o que ser lido. Tal organização tornava os romances-folhetins atraentes para o público da época, uma vez que facilitava a compreensão da história e proporcionava uma experiência de leitura envolvente e acessível.

Sobre os romances-folhetins publicados pela GN pouco se pode encontrar em termos de trabalhos, pesquisas ou estudos. Com exceção de um trabalho que aqui apresentamos que tem o romance-folhetim *Á Cata de um Barrete* como seu objeto de

estudo de seu breve ensaio. O que levou Mendes e Gorni (2011) a destacarem a obra entre seus estudos dentro da BND foi o fato de esse título não ser publicado na seção geralmente destinada aos folhetins, ou seja, ao pé da página, e por ser ilustrado. A GN também chamou a obra de “romance-revista-cômico-fantástico”, o que evidencia que os autores da obra a pensavam como um compilado de vários gêneros populares:

A qualificação de “revista” apontava para um diálogo com as famosas burletas de Artur Azevedo (1855-1908), que parodiavam, em cenas curtas, acontecimentos reais do cotidiano da vida política do país. Como as peças de Artur, *À Cata de um Barrete* era um resumo cômico do ano anterior, no qual um grupo de personagens transitava pelas ruas do Rio de Janeiro em busca de alguma coisa, o que permitia ao fio narrativo transitar por espaços sociais distintos e variados, assim como abordar os temas que haviam suscitado o interesse da população comum. (Mendes e Gorni, 2011, p. 11)

Por fim, os autores descrevem a ficção escrita por Zé Daniel e Gustavo Hastoy, como uma peça de teatro popular, na qual são abordados os principais acontecimentos do conturbado ano de 1889, de forma paródica e bem-humorada. A linguagem utilizada é coloquial, o que aproxima o leitor comum, e as ilustrações impressionantes de Hastoy tornam a ficção ainda mais atrativa e acessível ao público, especialmente aos leitores do jornal *Gazeta de Notícias*. A obra, intitulada *À cata de um barrete*, é uma forma popular de ficção que aceita e celebra o colapso das distinções e hierarquias tradicionais entre os gêneros literários, apostando na importância da imagem para a apreciação da narrativa, seguindo a tradição do “vale-tudo” do folhetim.

No mesmo trabalho os autores expõem um dado que foi possível confirmar durante nosso estudo. Segue:

Partindo do levantamento dos romances-folhetins do jornal *Gazeta de Notícias*, em consulta a microfilmes depositados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi possível encontrar um total de quarenta e quatro romances publicados em fração naquele periódico na década de 1890. (Mendes e Gorni, 2011, p. 10)

Assim, optamos por reunir na tabela 3 os títulos, autores e ano desses 44 folhetins que foram publicados pela GN entre os anos 1890 e 1900.

Quadro 3 Folhetins vinculados

(continua)

	Obra	Autor	Ano
1	A última noite de Tiradentes	Luiz Murat	1890
2	À cata de um Barrete	Hastoy	
3	Ódio de Tigre	Henir Tessier	
4	O esqueleto	Vitor Leal	
5	O processo Lebel	Henry Demesse	

Quadro 3 Folhetins vinculados

(continuação)

	Obra	Autor	Ano	
6	A desforra de Fernanda	F. Boissgobey	1890	
7	Agência Gebertin & C.	Loup Bertroz		
8	Demônios	Aluisio de Azevedo	1891	
9	Cadáveres Insefultos	Aluisio de Azevedo		
10	O crime de uma Santa	Pedro Decourcelle		
11	Paula Mattos OU o Monte de Socorro	Victor Leal <sup>7</sup>		
12	A máscara vermelha	Paul Féval Fils		
13	O Fagulha	Eugene Bonoure		
14	Agência Gebertin & C.	Loup Bertroz		
15	A Família Medeiros	Juia Lopes Almeida		
16	Rosa e Nininha	Alphonse Daudet		1892
17	Coração de bronze	Alfredo Siver e A. Dórsey		
18	Passageira	Jules Bonnetan		
19	A gruta de amor	H. Demesse	1893	
20	O dedo de deus	Xavier de Montepin		
21	O encilhamento	Heitor Malheiros	1894	
22	Irmã Angela	A. Matthey		
23	O remorso de um anjo	Adolpho D'énery		
24	O crime de Orcival	Emilio aboríau		
25	Mulher e amante	Pierre Sales		
26	Sanatoryium	Jayme D'Athayde		
27	Martha e Maria	O dom apostolo	1895	
28	O direito da filha	Jorge Chine		
29	A revista do Ano	Olavo Bilac	1896	
30	Marquez de Travenec	Pierre Sales		
31	Coração sem alma	Xavier do Monte Pinho		
32	A cabeça que fala	Charles Laboral	1897	
33	Luiz da serra	Lucio de Mendonça		
34	Os dous abandonados	P. Decourcelle		
35	O rajah do Pandeb	Lesongeurs		

<sup>7</sup> O trabalho de Mendes e Gorni (2011) aponta que Jayme D'Athayde, Xavier de Monte Pinho eram pseudônimos do poeta parnasiano Olavo Bilac.



Quadro 3 Folhetins vinculados

(conclusão)

	Obra	Autor	Ano
36	Um martyr	Simon Boubeé	1898
37	Milagre de amor	Pierre Sales	
38	Coração de mae	George Pradel	
39	O segredo do esqueleto	George Pradel	1899
40	O mysterio	Porter Square	
41	A caça aos milhões	Pierre Sales	
42	Lucia Avila	Lucien Biart	1900
43	Maculada	Julio de Gsatsyne	
44	Um crime da mocidade	Ponson du Terail	

Fonte: A autora

O ano de 1892 aparece com o menor número de publicação de folhetins, enquanto o ano anterior apresentou o maior número, publicando oito títulos. Podemos identificar que essa seção apresentava um apelo para aquele leitor que buscava temas diversos, curiosos e mais ligados à diversão e ao entretenimento.

Os dados apresentados na Tabela 3 representam uma riqueza de informações notável. A proeminência numérica dos folhetins que foram publicados por esse periódico incita uma considerável amplitude de oportunidades investigativas. Estas analisariam não apenas os autores que endossaram tais títulos, mas também as reverberações que essas contribuições geraram dentro dos meandros da imprensa da época, os temas densamente abordados, bem como os períodos de vinculação histórica. Ao assumir uma sequência de pesquisa como essa sugerida, o estudo iria ao encontro com o que trata Zilberman *et al* (2004) que enfatiza a importância de estudos em fontes primárias considerando um ponto de vista menos viciado das obras cânones da literatura. E para além disso:

É nesse sentido que pesquisar fontes corresponde não apenas a uma atitude, mas a um programa que supõe um posicionamento perante a Teoria e a História da Literatura. Corresponde igualmente à tomada de posição perante o canônico e o marginal, já que, quando se trata de retomar elos perdidos de nosso passado literário e cultural, passam a ocupar o proscênio coadjuvantes que, seguidamente, ainda não suscitaram interesse, foram reprimidos ou ocultados, ficaram de fora da corrente dominante, as *main streams* das escolas e tendências. (Zilberman *et al*, 2004, p. 23)

Assim, a GN se mostrou uma verdadeira casa para a literatura. Evidenciamos aqui que o periódico tratou de literatura durante todo o período estudado e buscou ceder à pena a diversos nomes da literatura. A relação entre literatura e jornalismo fica tão

evidente nas páginas da GN que durante as edições o espaço dividido entre notícia e ficção na edição do jornal é tão ou quase igualmente distribuído. Conforme as imagens aqui anexadas, os parágrafos de crítica, excertos e cartas ocupavam em maioria a primeira página e não eram comedidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inauguramos este trabalho evidenciando a importância das fontes primárias para os estudos literários e se propondo a investigar a partir delas a relação entre o jornalismo e a literatura. O que se confirmou ao longo da pesquisa é que essa relação é deveras entrelaçada. Uma forma de escrita tirava benefício da outra, conforme já evidenciamos, e os chamados “homens das letras” muitas vezes tiravam mais sustento ao ceder sua pena ao jornal. Ao passo que a GN também se beneficiava por estampar em suas páginas discussões literárias que interessavam seus leitores e os faziam acompanhar as edições do periódico. Podemos destacar que o periódico escolhido, indiscutivelmente, teve um papel de grande relevância para a história da imprensa e da literatura no Brasil. Sodré (1983), aqui constantemente mencionado, é categórico ao afirmar que a imprensa vive da literatura como a literatura vive da imprensa. (p. 294). Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que a GN não apenas refletia, mas também proporcionava um panorama diversificado de interesses, assumindo o papel de uma casa para a literatura. É relevante enfatizar que a escolha inicial de não se restringir à análise de uma revista estritamente literária foi deliberada, com o propósito de compreender como um periódico originalmente destituído de intentos literários abrigou em suas páginas a expressão literária.

Ainda sobre o periódico ficou evidente sua importância para a formação da imprensa no Brasil. Com destaque para o fato de ser um jornal acessível, vendido a um preço acessível, apenas 40 réis o exemplar<sup>8</sup>, além de ser possível adquiri-lo sem a necessidade de uma assinatura. É importante destacar também que o jornal funcionou como um grande divulgador das letras e ressignificou a divulgação e consumo das obras literárias. Ao ceder espaço para escritores nacionais e estrangeiros, a GN permitia um novo tipo de relacionamento entre autor e leitor, fornecendo assim uma possibilidade de retorno financeiro:

Por este motivo, a *Gazeta de Notícias* pode ser considerada uma das grandes divulgadoras e financiadoras das letras. O periódico cedia espaço aos escritores nacionais para que pudessem divulgar suas obras. Havia ainda uma grande abertura a escritores estrangeiros, que inclusive recebiam mais que os escritores brasileiros, porém, é inegável que ocorreram também muitas transformações no modo de vida dos artistas nacionais: “Surgiram as

---

<sup>8</sup> O site <https://www.diniznumismatica.com/> apresenta um conversor de moedas já utilizadas no Brasil e, considerando a moeda atual à essa pesquisa, temos que 40 réis equivaleriam a R\$ 1,00. Considerando que 1 real (singular de réis) equivale a R\$ 0,123.

condições para a formação de uma verdadeira boêmia, com uma vida independente da sociedade estabelecida e completamente dedicada às letras". (NEEDEL, 1993, p. 221 in BONILHA 2009, p. 34)

Sobre as reflexões provenientes dos achados no acervo da BND, elas possibilitam um acesso a discussões e teorizações que agregam valor a obras contemporaneamente discutidas.

Com o levantamento desses dados é possível obter um olhar inédito sobre como a literatura se portava perante novas ordens sociais e culturais que surgiram no país após movimentos importantes, como o Abolicionismo e a Proclamação da República.

Esse enfoque é essencial para evitar visões distorcidas ou pré-concebidas da história e, ao mesmo tempo, pode promover um diálogo revelador com o passado, permitindo que se conheça e entenda melhor os eventos e as transformações sociais e culturais que ocorreram naquele período histórico específico.

O maior desafio do trabalho com fontes primárias como o aqui desenvolvido é reunir de forma coerente os resultados encontrados. O que ficou claro durante os estudos foi que a GN não tomou nenhum caminho que buscou direcionar, classificar ou priorizar um autor, movimento ou maneira de escrita literária. Assim, também se optou por evidenciar, ao longo da nossa escrita, os achados relevantes.

Considerando que o período estudado é resultado de diversas mudanças e comportamentos da sociedade, o que a GN oferece é o resultado de uma literatura mais amadurecida e que já não contava com apenas produções isoladas ou representantes exclusivos. A ver o número vasto de publicações encontradas.

Foi possível observar que as publicações da GN não interagem entre si em função de regras ou formas. Mas, sim, figuram momentos de um processo pelo qual a nossa literatura passava. Essa percepção é possível já que a GN foi o ponto de partida para esse trabalho. O movimento de estudo adotado é a partir das publicações da GN e não a partir de um movimento ou autor. Os resultados aqui selecionados evidenciam que enquanto a Literatura Brasileira passava por momentos essenciais de formação a GN refletia esse momento por publicar em consonância uma série de discussões que levavam conceitos, obras e grandes nomes para seus leitores. Os registros aqui explorados revelam que as obras disponíveis ao público brasileiro e, lidas por ele, nem sempre coincidiam com aquelas que a tradição consagrou e incluiu nas histórias literárias e currículos escolares. Além de oferecer um vislumbre do

mercado editorial do século XIX, também foi possível acessar o pensamento crítico da época. O contato com esses textos nos proporciona uma compreensão dos critérios utilizados pela crítica daquela época para avaliar as obras, fornecendo uma visão mais precisa da leitura desse período do que a transmitida pelas histórias literárias convencionais.

Ficou claro que, ao longo desses dez anos de publicação, foram explorados momentos de evolução de discussões, gêneros, nomes e formatos que a literatura experienciava.

Com esse trabalho, esperamos, além do objetivo inicial proposto, ter chamado a atenção de leitores e estudiosos para que, assim como feito aqui, despertem para a grande contribuição oferecida pelas fontes primárias para entender a história que constitui nossa literatura.

## REFERÊNCIAS

ASPERTI, Clara Miguel. **A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica**. Contemporâneas, 2006.

BARBOSA, Luiz Henrique. **Jornalismo e Literatura: Interfaces**. Mediação. Belo Horizonte, 2007.

BARP, Guilherme; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. A presença da portuguesa Guiomar Torresão em A Mensageira, revista literária dedicada à mulher brasileira: laços luso-brasileiros. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 42, p. 196-209, jul-dez 2019. Acesso em: 03 out. 2022

BLAKE, Sacramento. Causas políticas: artigos publicados na Gazeta de Notícias, de março a dezembro de 1883. **Dicionário bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional**, 1883-1902. v. 4, p. 429 Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222269>. Acesso em: 3 nov. 2022.

BONILHA, Juliana Cristina. **Eça de Queirós e a Gazeta de Notícias (Suplemento Literário -1892)**. 2009. Dissertação (Faculdade de Ciências e Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/4107fea8-49fb-472c-aca6-531ff6d9bdab>. Acesso em: 22 out. 2022

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Editora Cultrix, v. 1, f. 267, 1993. 534 p.

BRASIL, Bruno. Gazeta de Notícias: “jornalão”, por excelência. **Biblioteca Nacional Digital do Brasil**. Brasil, 02 ago 2022 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-bn-gazeta-de-noticias-jornalao-por-excelencia/> Acesso em: 1 nov. 2022.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil** 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 3 ed. Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 98 p.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. *In*: CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: 1993. cap. 7, p.123 – 152. Livraria duas cidades. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130376/mod\\_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20De%20corti%C3%A7o%20a%20corti%C3%A7o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130376/mod_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20De%20corti%C3%A7o%20a%20corti%C3%A7o.pdf) Acesso em: 26 out 2023.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. EDUSP, v. 3, f. 204, 2001. 408 p.

GAMA, Domício da. **De Paris**: Domício da Gama, estabelecimento do texto, notas e introdução Franco Baptista Sandanello. Alameda Casa Editorial, v. 2, f. 177, 2020. 353 p.

GARCIA, Debora Cristina. F., & FERREIRA, Luzamara. Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do correio paulistano. **Revista da Anpoll**, 1(36), 105–131. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i36.721> Acesso em: 10 mai. 2023

JUNIOR, Alvaro Santos Simões. Os simples, de Guerra Junqueiro, e a imprensa carioca. **Soletras Revistas**, Rio de Janeiro, p. 100 - 112, jul - dez 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2020.50992> Acesso em: 13 ago 2022

LIMA, Lidiane Santos de. A Campanha de Canudos nos Jornais. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, RJ, p. 5 – 9, Set 2005. Trabalho apresentado na sessão temas livres, 2005, Rio de Janeiro, RJ

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, v. 36, 1994.

MOISES, Massaud. **História da literatura brasileira**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Imprensa e leitura de romances no Brasil Oitocentista. **Leopoldianum**, Santos, nº 101/102/103 p. 33 – 44. 2011. DOI: <https://doi.org/10.58422/releo2011.e440> Acesso em: 13 out. 2023

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Os Periódicos E Os Critérios De Avaliação De Romances No Século XIX. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 17 nº 50, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/30941/17489.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021

MONTE, Ana Catarina Ruivo Remédios do. **O Naturalismo em L'assommoir, de Émile Zola e O Cortiço, de Aluísio Azevedo**. Algarve, Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Portugal, 2012. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/1880>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MENDES, Leonardo; GORNI, Nathalia. À Cata de um Barrete: literatura, caricatura e imprensa no Brasil de 1890. **Soletras**, Ano XI, Nº 22, jul./dez. 2011. São Gonçalo, Rio de Janeiro 2011 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5713/4155>. Acesso em: 10 ago. 2023

NASCIMENTO, Patricia Freire do. Júlia Lopes de Almeida: Conheça a história da primeira mulher da ABL. **Notícias Biblioteca do CECULT**. Bahia, 27 maio 2021. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/334-julia-lobes-de-almeida-conheca-a-historia-da-primeira-mulher-da-abl>. Acesso em: 2 nov. 2022.

PIAUILINO, Ingrid.; PINHEIRO, Rafael. Demônios de Aluísio Azevedo: horror e filosofia. **Revista de Letras**, Juçara, v. 4, n. 1, p. 156–168, 2020. doi: 10.18817/rlj.v4i1.2240. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2240>. Acesso em: 5 jan. 2023

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Humor e Política nas caricaturas de Aluísio Azevedo. **TEMPO E ARGUMENTO**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 134–156, 2016. DOI: 10.5965/175180308182016134. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308182016134>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RODRIGUES, Rita de Cássia Lamino de Araújo. Gazeta de Notícias: Jornal fomentador da cultura e da literatura portuguesa no Rio de Janeiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18468/letras.2018v8n1.p193-217>. Acesso em: 26 out. 2023.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, f. 71, 2002. 141 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VIEIRA, Martha Victor. O surgimento da imprensa política e a retórica da opinião pública na província de Goiás. **História Revista**, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 126–142, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/36850> Acesso em: 12 abr. 2022

VIDIPÓ, George. A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e os momentos decisivos (1888-1889). In: **XVII Encontro de História da Anpuh Rio - Entre o Local e o Global**, 8 – 11 Ago 2016, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro – RJ: ANPUH, 2016. Disponível em: [https://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1464447611\\_ARQUIVO\\_GazetadeNoticiasemomentosdecisivos-GeorgeVidipo-Anphu-rio2016.pdf](https://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1464447611_ARQUIVO_GazetadeNoticiasemomentosdecisivos-GeorgeVidipo-Anphu-rio2016.pdf). Acesso em: 23 out. 2023

ZILBERMAN, Regina *et al.* **As pedras e o Arco**: Fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 344 p.